

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CLUBE UNIÃO BENEFICENTE: O PROTAGONISMO
PEDAGÓGICO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NO
MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SUL/RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Letícia Mossate Jobim

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**CLUBE UNIÃO BENEFICENTE: O PROTAGONISMO
PEDAGÓGICO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NO
MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SUL/RS**

Letícia Mossate Jobim

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração Educação e Artes, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando Lazzarin

Santa Maria, RS, Brasil

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Jobim, Letícia Mossate

Clube União Beneficente: O protagonismo pedagógico de um clube social negro no município de São Vicente do Sul/RS / Letícia Mossate Jobim.-2013.
113 p.; 30cm

Orientador: Luis Fernando Lazzarin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2013

1. Cultura 2. Identidade 3. Dispositivo pedagógico 4. Etnicidade I. Lazzarin, Luis Fernando II. Título.

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Letícia Mossate Jobim. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.
E-mail: ljobim@svs.iffarroupilha.edu.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa Pós-Graduação em Educação**

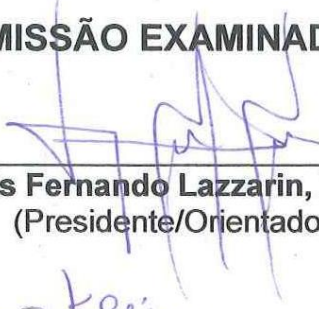
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**CLUBE UNIÃO BENEFICENTE: O PROTAGONISMO PEDAGÓGICO
DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NO MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE
DO SUL/RS**


Elaborada por
Letícia Mossate Jobim

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação


COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Luis Fernando Lazzarin, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Madalena Klein, Prof.^a Dr.^a (PPGE/UFPel)



Ana Lúcia de Marques e Louro Hettwer, Prof.^a Dr.^a (UFSM)

Márcia Lunardi Lazzarin, Prof.^a Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, 5 de abril de 2013.

*Dedico esta pesquisa ao amigo **Joel Marques de Oliveira**, pois sem sua ajuda jamais esta pesquisa teria se realizado.*

AGRADECIMENTOS

- Ao meu orientador **Luis Fernando Lazzarin**; pela preocupação constante; autonomia possibilitada; pelo respeito as minhas escolhas, pela paciência e compreensão de minhas limitações, compromissos profissionais e maternais.
- A banca examinadora pelas contribuições significativas e enriquecedoras desde o momento da qualificação do projeto;
- Aos colegas e professores do PPGE e da Linha de Pesquisa LP4 por suas trocas e experiências;
- A minha colega e amiga **Daniela Garcia** pelas leituras compartilhadas e amadurecimento mútuo;
- Aos amigos e colegas de trabalho, à direção do Instituto Federal Farroupilha-campus São Vicente do sul pelo apoio, incentivo e boas vibrações;
- Ao meu pai **Jorge André Jobim**, minha mãe **Clareni Jobim** e irmãos **Silvie Jobim** e **André Vinicius Jobim** pelo apoio incondicional;
- Aos meus filhos amados **Thales e Lorenzo** pela compreensão de minhas ausências em eventos, passeios e brincadeiras.
- Ao amigo **Joel Marques**, pela confiança em mim depositada, pelo apoio incansável, pelas inúmeras solicitações atendidas, pela prontidão e boa disposição pelos materiais emprestados, pelas buscas e informações, enfim...
- A todos os colaboradores da pesquisa, aos moradores de São Vicente do Sul que direta ou indiretamente me auxiliaram emprestando materiais e prestando informações, contribuindo para a realização desta pesquisa.

No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem- sentido do que nos acontece.

(Jorge Larrosa)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

CLUBE UNIÃO BENEFICENTE: O PROTAGONISMO PEDAGÓGICO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO NO MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE DO SUL/RS

AUTORA: LETÍCIA MOSSATE JOBIM

ORIENTADOR: LUIS FERNANDO LAZZARIN

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 5 de abril de 2013.

Essa pesquisa teve por **objetivo** compreender o papel que um clube social negro existente no município de São Vicente do Sul/ RS exerceu no processo cultural e identitário de um grupo de pessoas que usufruíram deste lugar-comum. Buscou-se investigar também, de que forma foi conduzido e subjetivado no grupo pesquisado, um modo de 'ser negro' e, a partir de que categorias organizam seus discursos, dando a eles sentidos e significados. A **abordagem teórica** insere-se no campo dos Estudos Culturais, utilizando como metodologia, técnicas da História Oral Temática e Híbrida, pois, utiliza além da oralidade, outras fontes tais como atas, documentos e fotografias. A partir das recorrências nas narrativas foram definidas as categorias de análise que versaram sobre os seguintes temas: A regulação das condutas a fim de proporcionar maior visibilidade e aceitação do negro na sociedade; A produção das identidades e diferenças e, a forma com estas são acionadas pelo clube enquanto dispositivo; O exercício das relações poder-saber evidenciando atitudes e comportamentos de reação ao poder; A ambiguidade dos discursos de cor e a negociação destes discursos; A implantação da "pedagogia da racialização" e, por último, o hibridismo que caracterizou o clube União. Os **resultados** da pesquisa apontaram que este dispositivo configurou-se por um campo dinâmico de negociações, adaptações, regulações, trocas e alianças. Também evidenciaram que não existem 'verdades absolutas' sobre a cultura negra e tampouco narrativas únicas. Estas variam de acordo com os condicionamentos a que estão submetidas, ou seja, discursos, representações e práticas sociais.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Dispositivo pedagógico. Etnicidade.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

CLUBE UNIÃO BENEFICENTE: THE PEDAGOGIC PROTAGONISM OF A SOCIAL NEGRO CLUB IN SÃO VICENTE DO SUL'S CITY/RS

AUTORA: LETÍCIA MOSSATE JOBIM
ORIENTADOR: LUIS FERNANDO LAZZARIN
Local and date: april 5th, 2013.

This research have the comprehension's purpose of the character what a negro social group at São Vicente's city/Rs-Brazil handled here like a pedagogic contrivance exerted in cultural and identifier process happen in another group that have had experiences about "to be negro". This way, how the researched group realizes him into social context and what categories arrange his speeches given meaning to it. The theoretical approach is in Cultural studies using methodological techniques by Hybrid and Themes of Oral History and it was used minutes, documents and photos. From recurrences of narratives was determined what analysis's categories that discussed about these themes: The regulation's behavior that provides utmost visibility and admission of Negro in the society; The production of identify and apathy and to know such as they are set in motion through Social group like contrivance; The relation's exercises between to be able/to know; The ambiguity of color's speeches and the negotiation this speeches; The introduction of the pedagogic racial; and The hybridism that typified the Union club. The results of research found with this contrivance shaped by dynamic bailiwick of negotiations, adjustments, regulations, changes and alliances. It was evidenced that doesn't "absolute true" about Negro's culture and unique narratives too, but speeches, impersonations and social practices that vary according to the moments with are subjected.

Key words: Culture. Identify. Pedagogic contrivance. Ethnicity.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Primeira entrevista elaborada para resgate da história e cultura afro-brasileira.....	97
ANEXO B – Roteiro da entrevista narrativa	98
ANEXO C – Fotografias das entrevistas	99
ANEXO D – Fotografias das atividades realizadas no clube União resgatadas entre a comunidade.....	102
ANEXO E – Ata de fundação do Clube União Beneficente no dia 20/01/1953.....	109
ANEXO F – Certidão de registro em cartório do estatuto do clube União General Vargas	111
ANEXO G – Atestado de inclusão e mapeamento do clube União Beneficente entre os Clubes Sociais Negros do Brasil	112
ANEXO H – Modelo de Autorização de cessão de Imagem	113

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Trajetória em direção à problemática da pesquisa.....	11
1.2 Por que não o italiano, o alemão, o espanhol e outros tantos que também contribuíram para a riqueza cultural no nosso país?	15
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS	19
2.1 História Oral temática e híbrida	19
2.1.1 Narrativas e memórias.....	21
2.2 O processo das entrevistas e coleta de dados	24
2.3 O campo teórico	29
2.3.1 Estudos culturais	29
2.3.1.1 Cultura	30
2.3.1.2 Identidade	32
2.3.1.3 Dispositivo	33
2.3.1.4 Discurso.....	34
3 TERRITÓRIOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA	36
3.1 O município de São Vicente do Sul	36
3.1 Clubes sociais negros.....	41
4 O PROTAGONISMO PEDAGÓGICO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO	43
4.1 “Sempre teve muito respeito embora fosse dos negros”: A regulação das condutas	43
4.2 “Eu gostaria de saber mais sobre o negro”: A produção das identidades e diferenças	53
4.3 “Só podia entrar quem era do “pelo””. O exercício das relações de poder-saber	58
4.4 “Eu sou morena”: A ambiguidade dos discursos de cor.....	64
4.5 Pedagogia da racialização: “Tem que ser surdo, mudo e cego pra não ver”...71	
4.6 Hibridismo.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	96

1 INTRODUÇÃO

1.1 Trajetória em direção à problemática da pesquisa

Considero relevante relatar a trajetória que antecedeu esta pesquisa propriamente dita para que possa externar o motivo das mudanças sofridas pela mesma durante seu processo.

O interesse pela temática étnico-racial surgiu durante minha trajetória profissional e acadêmica ao assumir como professora de arte no Instituto Federal Farroupilha-campus São Vicente do Sul no ano de 2009. Assim que ingressei na referida instituição, tomei conhecimento da existência de dois núcleos: O NAPNES (Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Educativas Especiais) e o NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas).

O NEABI foi criado em 2008 por iniciativa de um grupo de professores com o objetivo de desenvolver estudos, pesquisas e ações sobre a temática negra, dando suporte à implementação da lei 10.639/03¹. Como fica explícito na lei que o currículo de arte também deve contemplar questões referentes à cultura afro-brasileira, passei a interessar-me mais profundamente por esta visto que durante minha formação acadêmica, Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) , não havia ainda nenhuma disciplina que desse conta desta necessidade.

Devido ao término do contrato do professor de História que até então era o criador e coordenador do núcleo, fui convidada pela direção de ensino a assumir tal função. Relutei o convite, pois me sentia insegura e despreparada para a mesma visto que não possuía uma formação especializada sobre o assunto, sobre o que ensinar e como ensinar. Foi-me argumentado que ‘todos estaríamos no mesmo barco’ pois, assim como eu, ninguém estava adequadamente preparado. Aceitei o desafio e assumi em maio de 2009, coordenando-o desde então.

¹Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que passa a vigorar acrescida do seguinte artigo: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Após convite estendido a toda comunidade escolar, formou-se um novo grupo. Não tínhamos orientações mais precisas das ações necessárias à efetivação da lei. Iniciamos as atividades realizando leituras básicas que se limitavam a um número reduzido de artigos e livros recebidos pelo MEC. O pouco material bibliográfico que tínhamos acesso, não dava conta das dúvidas e incertezas que iam surgindo, gerando cada vez mais insegurança nos professores para abordar a temática em suas disciplinas.

O grupo foi percebendo que o assunto era extremamente complexo e delicado e muitos desafios foram aparecendo. O primeiro deles foi preencher as lacunas do conhecimento sobre a história e cultura desta etnia que ficaram em aberto durante nossa trajetória escolar enquanto alunos e em consequência, enquanto professores. O segundo foi entender a necessidade de discutir a temática em sala de aula, pois sabíamos que haveria muita resistência, tanto da parte de alunos quanto de servidores e, não estávamos preparados para contra-argumentar posicionamentos diversos. O terceiro foi ‘como’ e ‘o que’ ensinar. Diante destas dificuldades pensamos em criar um projeto que trouxesse subsídio e nos auxiliasse a pensar a implantação da temática afro-brasileira em planos de ensino que estivesse próximo da realidade local.

Conforme Nilma Lino Gomes (2008, p.79) a inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo, se expressa na lei 10.639/03 com o objetivo de promover a “correção de desigualdades” e a “construção de oportunidades iguais para os grupos sociais e étnico-raciais com um comprovado histórico de exclusão”. A partir deste entendimento e preocupados em atender à implementação da referida lei, parti em busca de uma suposta cultura negra existente no município.

Quando comecei a pesquisar a temática da negritude², meu objetivo estava centrado na efetivação das políticas afirmativas e sua forma de inclusão no currículo de arte. Iniciei o projeto intitulado “Resgate da história e cultura afro-brasileira no

² Ao buscar uma definição mais específica para este termo junto a autores especialistas na temática encontrei as seguintes definições: Bernd (1988 apud ANDRÉ 2008, p.54) conceitua a negritude pela tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação e a conseqüente reação pela busca da identidade negra; Munanga (1988, apud ANDRÉ 2008, p.55) diz que a negritude é “um processo que tem função desalienadora e, para que isto ocorra deverá ser pensada e vivida por meio de um reconhecimento como um do ser negro, da vontade de sê-lo, buscando os valores ancestrais, refazer a percepção de si mesmo no mundo, ressignificar a compreensão dos termos”. Não houve da minha parte interesse específico de que os sujeitos pesquisados adotassem o discurso da negritude, por não tratar-se deste meu objeto de reflexão e sim, compreender e discutir os diferentes discursos identitários bem como as subjetividades que foram produzidas pelo clube temas centrais das discussões do campo teórico que utilizo.

município de São Vicente do Sul”, cujo objetivo era conhecer, resgatar e preservar a cultura afrodescendente da região. A partir daí, pretendia produzir ‘conteúdos’ que pudessem ser integrados a disciplina de Arte (meu interesse maior), mas também auxiliar outras disciplinas nessa tarefa.

Começamos o referido projeto fazendo um levantamento do número de afrodescendentes presentes na comunidade interna do campus, através de um questionário respondido por alunos e servidores. No questionário, havia questões referentes ao testemunho ou vítimas de atos de racismo, conhecimentos da história/cultura dos negros da região e a indicação de pessoas que pudessem contribuir com maiores informações sobre a temática negra.

Devo confessar que as minhas expectativas eram de encontrar negros com histórias de racismo e discriminação que foram abafadas ou silenciadas; vítimas inconformadas com a exclusão social, cultural, histórica e econômica; com ideais políticos comuns, com histórias e tradições a serem preservadas e valorizadas, com manifestações artísticas e religiosas correspondentes. Contudo, a cada entrevista, ia inquietando-me o fato de que as narrativas dos entrevistados não vinham ao encontro daquilo que eu esperava ouvir. Não demonstravam estar inconformados com uma suposta exclusão social, não atribuíram as dificuldades enfrentadas no acesso e permanência à educação, trabalho ou a falta de oportunidades às desigualdades raciais, não aparecia nenhum tipo de tensão ou tampouco se afirmavam negros.

Em diversos momentos senti-me como se não estivesse sendo entendida pelos entrevistados. A inconstância e a variação de uma narrativa para outra, onde cada fala parecia ser única e diferenciada, impossibilitava-me de dar maior solidez e validade às informações, ou seja, comprovar uma verdade e uma realidade que justificassem a necessidade de implementação da lei 10.639/03 ou de uma pedagogia antirracista. A justificativa de Munanga (2004) era a seguinte:

O brasileiro de ascendência africana ficou por muito tempo privado da memória de seus ancestrais. Por isso a lei veio justamente para reparar essa injustiça feita não apenas aos negros, mas a todos os brasileiros, pois esta história esquecida ou deformada pertence a todos os brasileiros, sem discriminação de cor, sexo, etnia, gênero ou religião. (MUNANGA, 2004, p.3)

O entendimento a partir desta leitura foi que o objetivo da lei é trazer à tona uma memória que por muito tempo fora abafada e expropriada de todos os

brasileiros, sejam brancos, negros, índios ou amarelos; Que havia outra versão da história ainda desconhecida. No momento em que tentava 'recuperar' algo dessa história, que pudesse estar obscuro ou 'encoberto', nada fora encontrado. A não correspondência entre as ideias contidas nos textos lidos e a realidade na qual me deparava neste contexto específico causava sensação de que a memória cultural afro-brasileira era algo inventado, pois não era a mesma enfatizada pelos discursos multiculturalistas que lhe atribuíam um conteúdo: o negro adepto da capoeira, do samba, da umbanda, do candomblé, do futebol, etc.

Foi durante este período de inquietação na pesquisa que ingressei no Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. As leituras e discussões realizadas nas disciplinas cursadas no PPGE, bem como as orientações recebidas, foram fundamentais para provocar mudanças no meu modo de pensar o tema. A partir das leituras possibilitadas através de meu orientador no campo teórico dos Estudos Culturais (E.C.), surgiram muitos confrontos, desconstruções, desfiliações, desfamiliarizações e deslocamentos investigativos. Dei-me conta de que eu estava tentando formar um mosaico com uma imagem fechada sobre a cultura negra, buscando peças que, supostamente, estariam dispersas e que se encaixariam facilmente umas às outras. As próprias amarras da minha formação acadêmica impediam-me de perceber que a cultura negra vai muito além daquilo que está posto como 'verdades'.

Fui percebendo que estava tentando apreender e 'pedagogizar' o negro, sua cultura e sua arte a partir de representações fixas e de estereótipos circulantes produzidos e reproduzidos por diversos aparatos culturais. Estas reflexões fizeram com que eu deslocasse meu olhar para outras questões muito mais relevantes do que tentar fixar/congelar uma imagem do negro e de sua cultura.

Nos diálogos com a comunidade, sempre que eu mencionava meu interesse sobre a temática negra recebia inúmeras referências ao clube União Beneficente. Em função das reincidências nas referências atribuídas ao clube quando se falava em cultura negra, tomei-o como um 'signo', no sentido de "sinal, uma marca, um traço que está no lugar de outra coisa a qual não pode ser um objeto concreto" (Silva, 2007, p. 78). Silva (2007, p. 79) trata também da "impossibilidade da presença que obriga o signo a depender de um processo de diferenciação, de diferença". Ou seja, uma possível cultura negra, que não aparece entre a

comunidade de uma forma 'material' e cuja representação é transferida para o clube que se torna então, um local simbólico destas.

Ao mesmo tempo em que ele era indicado como referência à negritude, quando questionava sobre os motivos de sê-lo, pairava um grande silêncio entre a comunidade. Movida pela curiosidade e instigada a dar-lhe voz... Daí a decisão em tomá-lo como objeto de pesquisa e abrir as cortinas de seu palco para compreender sua atuação, enquanto protagonista principal, da cultura negra no município de São Vicente do Sul.

1.2 Por que não o italiano, o alemão, o espanhol e outros tantos que também contribuíram para a riqueza cultural no nosso país?

Considero importante responder primeiramente a esta pergunta recorrente nos diversos eventos organizados pelo NEABI e também naqueles nos quais eu participei. Um pergunta que sempre surgia quando o assunto era a obrigatoriedade da lei 10.639/03: - "Por que o negro e não o italiano, o alemão e tantos outros que também contribuíram para a riqueza cultural no nosso país?"

Não é minha finalidade nesta pesquisa fazer tais esclarecimentos, mas penso que devo sim me posicionar frente a esta questão, até porque, quando eu debruçava-me em diferentes bibliografias e participava de eventos diversos, buscava primeiramente, construir uma resposta que satisfizesse a mim.

Reconheci que não há como desmerecer as contribuições de todos os segmentos étnicos em nosso país, mas se adentrarmos nas leituras de autores dos quais considero referências em pesquisas sobre a temática negra tais como Petronilha da Silva, Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Lilia Moritz Schwarcz, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, etc., não me foi possível encontrar possibilidades de argumentação que pudessem negar as desigualdades sofridas pelos negros e que, com muita propriedade foram muito bem colocadas por estes autores, não deixando dúvidas quanto à necessidade de reparação através de ações afirmativas, dentre outros. Eles permitem-nos compreender como ocorreu a produção histórica e social do conceito de raça (Lilia Moritz), avaliar os dados sobre as condições de vida a que estão submetidas à população negra (Munanga),

entender o sistema de relações raciais e o mito da democracia racial (Florestan Fernandes), distinguir o preconceito racial de marca existente no Brasil e o de origem vivido nos EUA (Nogueira); deixando evidente que o racismo e as desigualdades econômicas e sociais estão além do mérito ou sucesso individual das pessoas. Trata-se de uma desigualdade construída ao longo do processo histórico, político e social do país, que afeta diferentemente a população branca e negra.

Deste modo, concordo com a necessidade de inclusão destes debates em espaços escolares e não escolares, pois passei a reconhecer que de fato a herança cultural africana no Brasil nunca ocupou uma posição de igualdade com as outras no sistema de ensino nacional. Exemplo disto está nas diferentes atitudes encontradas entre a comunidade escolar quando um professor se propõe a estudar a cosmologia Greco-antiga e quando se propõe o estudo dos deuses afro-brasileiros. A primeira é legitimada e naturalizada, a segunda, muitas vezes, é condenada e inferiorizada. Poderia ficar aqui escrevendo muitos outros exemplos, mas, como já dito anteriormente, não é esta minha finalidade.

Para que eu pudesse chegar a este reconhecimento, percorri inúmeros autores, participei de diversos eventos relacionados à temática negra, muito mais como observadora do que como participante de fato. Durante este percurso, deparei-me com acaloradas discussões, opiniões divergentes, com a reprodução de discursos, com extremismos, imposições e intolerâncias entre aqueles que não compactuam da mesma linha de pensamento.

Apesar de me colocar favorável à implementação da lei 10.639/03, penso que tais discussões não devam ficar apenas confirmando condições e determinando lugares e posições ao negro. Concordo com Souza (2005, p. 35) quando diz que:

Nas discussões sobre os lugares e os espaços sociais destinados aos afro-brasileiros, quando o tema não se circunscreve restritamente às manifestações culturais, quando são discutidas as manifestações políticas que definem tais lugares e espaços sociais, quando não aparecem às justificativas de ordem econômica ou social de feição redutora para certo silêncio (às vezes constrangido ou constrangedor). Assim, cria-se um quadro em que a visibilidade dos afro-brasileiros é constatada e até estimulada em determinados setores da vida social, sendo-lhes “concedido” certo espaço no âmbito das manifestações culturais; [...] A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se ainda, na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade.

Esta passagem nos faz repensar a maneira de olhar ‘o problema’ que reveste a temática negra nos diversos setores da sociedade, vendo que, muitas vezes, ela é acionada na defesa de interesses pessoais e projetos políticos.

Embora meu objetivo não tenha sido tratar aqui das implicações da referida lei embora ela tenha sido a mola propulsora desta pesquisa, vejo a possibilidade de novas discussões e novas questões para serem exploradas no espaço escolar acerca desta temática, de forma que não fiquemos apenas reproduzindo, muitas vezes ingenuamente, imagens e informações sobre o negro, sua arte e sua cultura que precisam ser desconstruídas. Penso que não devemos tomar a metanarrativa³ como a única maneira de conhecer esta história, mas entender que as suas lógicas constitutivas também são diferentes e que são perpassadas por disputas no campo das relações do saber/poder. De acordo com Maggie e Rezende (2001) é preciso entender as muitas formas de construir a identidade negra no Brasil. Há muitos paradigmas de raça e nação, e entre estes, o que mais serve como objeto de reflexão dos autores é aquele cuja nação busca na mistura sua identidade e o outro que, temendo a mistura, segrega e opõe.

Considero a relevância da ação afirmativa no campo da etnicidade, todavia concordo com Canclini (2009, p. 159) quando argumenta que a ação afirmativa “se verá restrita se não nos tornarmos capazes de estudar e inventar novos modos de afirmação da diversidade cultural frente à transnacionalização econômico-simbólica” (p.159). Ou seja, acompanhar a nova cartografia mundial produzida entre outros fatores, pelo acelerado avanço das mudanças científicas e tecnológicas, pela geração de novos padrões de produção e organização do trabalho e a constante internacionalização da economia. Uma economia global que pode ser representada através da imagem de uma “teia de aranha” simbolizando a produção transnacional, fragmentada e sem bases nacionais. Desta forma, para que uma determinada ação afirmativa tenha êxito, é preciso que aqueles que a aplicam busquem se igualar-se em conhecimento e informação para que façam frente e adaptem-se a essa fragmentação nas culturas bem como à nova forma de transnacionalíssimo da economia, que hoje não respeita territórios e não define exatamente qual o seu país de origem.

³ Trata-se de toda e qualquer explicação ou conceito abrangente e totalizante utilizados pelo senso comum. A mesma coisa que “grande narrativa”.

Como contribuição para a Linha de pesquisa Educação e Arte, considero que as reflexões aqui produzidas são de extrema relevância a estas áreas, visto que problematiza um saber que foi produzido a partir de uma gama de vivências-experiências artísticas, culturais e pedagógico-disciplinares provenientes de um espaço pedagógico 'não formal', cujo saber é confrontado com outros saberes adquiridos e reproduzidos no contexto educacional formal.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS

Durante a trajetória da pesquisa foi visto que o clube União Beneficente foi apontado como a principal referência à cultura negra no município de São Vicente do Sul. A partir desta constatação buscou-se compreender de que forma este clube, enquanto dispositivo pedagógico⁴ produziu um modo de ‘ser negro’ no grupo pesquisado.

Considerando que todo trabalho pedagógico não acontece da mesma forma em todos os indivíduos, pois cada um aprende de forma individual e específica, internalizando apenas aquilo que lhe é mais significativo, se fez necessário escolher uma metodologia que possibilitasse alcançar esta compreensão. Optou-se então pela pesquisa qualitativa, que de acordo com Gibbs (2009), visa abordar o mundo “lá fora” e não em laboratórios. A pesquisa qualitativa possibilita entender e explicar os fenômenos sociais de maneiras diferentes bem como, analisar experiências de indivíduos ou grupos, examinar interações e comunicações, investigar documentos (textos, imagens, filmes ou músicas), entre outros.

Devido a presente pesquisa abarcar grande parte destes elementos buscando dar-lhes um sentido, considera-se que a mesma deva ser reconhecida por seu caráter qualitativo.

2.1 História Oral temática e híbrida

Segundo Meihy (2000), a História Oral contemporânea nasceu em 1947 na Universidade de Columbia, em Nova York, quando Allan Nevins organizou um arquivo no qual tornou público o termo, adquirindo uma nova postura frente à formulação e difusão das entrevistas. Inicialmente, tinha como objetivo captar e divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos entre estas entrevistas e o meio que as utiliza.

⁴ Conceito que será apresentado mais adiante.

Conforme a autora, no Brasil o desenvolvimento da História Oral deu-se muito mais tarde devido a inexistência de uma tradição não acadêmica empenhada em registrar fatos, contos e tradições populares e a falta de conectividade entre projetos universitários, a cultura local e a popular. Somente quando as fronteiras disciplinares começaram a perder seu exclusivismo, abrindo espaço para debates multidisciplinares, é que se começou o avanço das discussões sobre a História Oral.

O golpe militar de 64 proibia o desenvolvimento de projetos que utilizassem qualquer tipo de gravação, devido a isso, somente no final dos anos 70 e depois da abertura política em 83, a História Oral reaparece como instrumento de afirmação da democracia. Em 1992, é formado um grupo de pesquisadores que propuseram a fundação de uma associação, a qual foi efetivada somente em 1994, com o nome de Associação Brasileira de História Oral (ABHO). De lá para cá, a H.O. vem apresentando um grande crescimento em termos de método de pesquisa entre a comunidade intelectual e adquirindo credibilidade daqueles que preocupam-se, entre outras coisas, com o registro, arquivamento e análise de documentação colhida através de depoimentos; a inclusão de histórias de movimentos populacionais antigamente reprimidos e interpretações pessoais de acontecimentos do cotidiano da sociedade atual.

A escolha por esta metodologia deve-se à possibilidade que a H.O oferece de captar as experiências das pessoas dispostas a relatá-las. Entre outras interpretações possíveis do contexto em pesquisa, busco compreender a dinâmica de 'ensinar e aprender' a ser negro, bem como os significados aprendidos e apreendidos no processo cultural e identitário de um grupo de pessoas a partir das **subjetividades** dos sujeitos que vivenciaram e compartilharam experiências num 'lugar-comum': o Clube União Beneficente. Segundo Freitas (2006, p. 14), "o grande potencial da História Oral é o de reflexão sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas".

Conforme argumenta Portelli (1997), as fontes orais não são objetivas e sim variáveis, parciais e subjetivas. É sempre o resultado de um relacionamento harmonioso ou não, entre entrevistador e entrevistado. O conteúdo das fontes orais "depende largamente daquilo que os entrevistadores põe em termos das questões diálogos e relações pessoais" (PORTELLI, 1997, p. 35). É o pesquisador quem molda o testemunho oral primeiramente porque é ele quem coloca as questões e reage às respostas. A partir daquilo que a pessoa entrevistada pensa sobre o

pesquisador e da imagem que forma sobre este, conta-lhe aquilo que acredita que ele quer ouvir. Desta forma, ambos estão sempre se estudando, sendo que o resultado final torna-se o produto do narrador e do pesquisador, ou seja, daquilo que cada uma das partes seleciona uma da outra.

Ainda conforme o autor, o pesquisador é cada vez menos intermediário na história oral, pois é ele quem cria de certo modo as fontes ao validar o discurso, “ventriculizando-o” através do testemunho oral. As fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade, onde o entrevistador também é protagonista: “O narrador é agora uma das personagens e o *contar* da história é a parte da história que está sendo contada. Isto implicitamente indica um envolvimento muito mais profundo, político e pessoal que aquele do narrador externo” (PORTELLI, 1997, p. 38). Desta forma a H.O. não possui sujeito unificado pois nunca é contada sem tomar partido, seja pelo entrevistado, seja pelo pesquisador.

Dentre as diversas pesquisas que foram se proliferando, utilizando a História Oral como metodologia, surge diferentes gêneros investigativos: A história de vida, a tradição oral e a temática. Optei, nesta pesquisa pela História Oral Temática, que segundo Freitas (2006), é baseada num assunto pré-determinado, neste caso o clube União Beneficente. Nesta técnica, o entrevistador “utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). Entendo que minha pesquisa abarca este gênero, pois o tema principal foram as vivências no Clube União Beneficente.

Híbrida por ter utilizado além das entrevistas outros materiais tais como fotografias e documentos. As fotografias foram utilizadas apenas como estímulo para mobilizar as memórias e recordações de fatos importantes que pudessem estar esquecidos. As atas e documentos foram usados posteriormente às entrevistas, a fim de complementar e enriquecer a história oral, trazendo outras informações e provocando questionamentos e reflexões para a pesquisa.

2.1.1 Narrativas e memórias

A partir das narrativas dos entrevistados, juntamente com o quadro teórico aqui utilizado, busquei construir um significado a elas, que resultaram nas categorias

de análises desta pesquisa. Ao analisá-las, não era meu objetivo verificar a veracidade daquilo que me era dito, mas sim ampliar o diálogo na pesquisa. Cabe lembrar que as narrativas não produzem ‘verdades’ sobre os fatos, algo ou alguém, mas sim verdades para aqueles que narram e se narram através delas.

Segundo Portelli (1998), as narrativas também formalizam as (auto) representações partilhadas por uma cultura e se confundem/fundem nos fatos, tornando-se interligadas. Desta forma, a história oral é contabilizada como história com fatos reconstruídos.

Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações. (PORTELLI, 1998, p. 111)

Ao narrar, os sujeitos reorganizam o pensamento e reconstróem suas próprias verdades expondo suas subjetividades. Por isso, a História Oral é uma “história de tempo presente”, também chamada de “história viva”. (MEIHY, 2000, p. 25). Por ser uma fonte viva, a narrativa jamais será igual à outra, mesmo que verse do mesmo tema e que seja contado pela mesma pessoa. Adquire, portanto, um caráter mutável, pois, enquanto material oral está sujeito ao dinamismo do pensamento, o qual está em constante processo de transformação e reconstrução bem como às inconstâncias e conjunturas do momento presente.

Utilizar as narrativas nesta pesquisa objetiva compreender os distintos significados atribuídos aos acontecimentos socialmente vividos pelos entrevistados, como também, observar como que cada um singulariza sua experiência neste dispositivo em análise. Essa compreensão dá-se a partir daquilo que cada um seleciona para ser narrado, o que cada um conta de si próprio e dos outros. Conforme argumenta Meihy (2005),

toda narrativa é sempre e, inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reeditas carregam diferenças significativas. (MEIHY, 2005, p. 56)

Para utilizar as narrativas, é necessário entender que a memória constitui-se nas relações do presente com o passado, ou seja, está articulada socialmente expressando diferentes aspectos das identidades sociais. Para Portelli (1997, p. 33), a memória não é “apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações”. O autor considera que a oralidade moderna está carregada por outros atravessamentos tais como informações da mídia em geral, jornais, revistas, rádio e TV, discursos políticos, entre outros. Fontes escritas e fontes orais são desta forma, interdependentes, pois uma torna-se base para a outra. Assim, cada indivíduo terá uma versão diferente sobre o mesmo fato.

Para Halbwachs (2006), a memória não se caracteriza apenas por ser individual, pois é construída coletivamente e sujeita a constantes transformações. Neste sentido, deveria ser analisada como um fenômeno social, pois é viva e dinâmica, fluida e reelaborada. Pressupõe continuidade ao ser constantemente produzida pelos indivíduos e pelos grupos nas interações sociais da vida cotidiana.

Segundo a autora, o sentimento de pertencer à determinada coletividade está baseado na apropriação individual de dois tipos de memórias: Aquela que é construída pela socialização a partir daquilo que cada segmento herda, sejam acontecimentos, personagens ou lugares, juntamente com aquilo que ela vivencia. Num primeiro momento, este entendimento parece retirar da memória seu caráter único e distinto. Se considerarmos que sua produção acontece nas interações sociais, as diferenças entre o que cada um apreende, guarda e seleciona na memória o que lhe é permitido lembrar, também aparecerão dentro de um limite, que é também construído socialmente.

Desta forma, a mesma autora argumenta que todo evento que guardamos na memória tem a marca social, por mais que o tenhamos vivido individualmente. Mesmo quando estamos falando de nós mesmos, estamos criando e fazendo coisas de profunda subjetividade, estamos “amarrados às objetividades”. Quando pensamos, mesmo que realizemos isso sozinho, o fazemos coletivamente, pois utilizam para isso uma língua que é coletiva. Compreender a relação entre memória e interações sociais vem auxiliar na compreensão dos significados elaborados dentro de um determinado grupo ao longo de um percurso de tempo.

Meihy (2005) destaca que é fundamental diferenciá-la em sua esfera individual e coletiva. A memória individual torna-se significativa para história oral,

pois se constitui da mescla entre as vivências interiores e as vivências no ambiente sociocultural; somado a isso, a memória coletiva como representação do fenômeno.

2.2 O processo das entrevistas e coleta de dados

As entrevistas foram realizadas com pessoas indicadas pelo atual presidente do clube, Joel Marques, e também pelos próprios entrevistados. Conheci Joel por intermédio de alguns colegas de trabalho que, ao tomar conhecimento de minhas intenções de pesquisa, indicaram-no. Seu pai, já falecido, Antônio Telles de Oliveira, havia sido por muitos anos presidente do clube. No ano de 2008 foi uma das personalidades negras do município que foram homenageadas pelo NEABI- câmpus São Vicente do Sul (SVS), durante as comemorações da Semana da consciência Negra.

Entrei em contato e prontamente ele disponibilizou-se a auxiliar-me. Apesar de não saber ao certo minhas reais intenções de pesquisa, sabendo apenas que era algo relacionado ao clube, pôs-se à disposição para o que eu precisasse. Seu desejo era dar maior visibilidade ao clube que por muitas vezes teve de ser fechado por motivos diversos. Entre eles, algumas dívidas deixadas por outros presidentes, denúncias de moradores que reclamavam do barulho, etc.

Com muito esforço e muitas vezes utilizando recursos próprios, Joel batalhava para que o mesmo fosse reaberto e não deixasse de beneficiar a comunidade 'mais humilde' como ele próprio se referia. Muitas vezes ligava-me cheio de tristeza para dar a notícia que haviam feito denúncias e que o clube teria que ser fechado. Outras vezes, ligava alegre para contar que tudo havia sido resolvido e o clube estava de portas abertas novamente.

Foi assim, compartilhando de suas alegrias e tristezas, que juntos fomos conhecendo as histórias do clube, pois como eu, Joel também estava iniciando sua caminhada e tínhamos o mesmo interesse em ouvir as histórias e conhecer as experiências daqueles que por muito tempo frequentaram e usufruíram do clube União.

Quando lhe perguntei se havia fotografias no clube, ele disse que não, mas prontamente levou-me até a rádio da cidade para fazer um apelo à comunidade.

Logo que falei da minha pesquisa no ar, o telefone da rádio começou a tocar. Eram as pessoas dando seu endereço para que pudéssemos resgatar algumas fotografias. Fomos a várias casas, peguei algumas que considerei que pudesse utilizá-las, escaneei e devolvi. Surpreendeu-me a boa vontade da comunidade em ajudar-me. Recebia telefonemas, mandavam fotos por meus alunos e indicavam pessoas que pudessem ter outras fotografias guardadas.

Joel disponibilizou-me toda a documentação do clube, atas, regulamentos, etc. Os livros de atas que eu tive acesso datavam desde o dia da fundação do clube 20/01/1953 até o dia 16/03/2003. Tornamo-nos cúmplices e parceiros nesta caminhada. Ele próprio entrava em contato com as pessoas, marcava as entrevistas e sempre que podia acompanhava-me, buscava informações, etc.

Os critérios que utilizei para a escolha dos mesmos eram de que deveriam ser pessoas que vivenciaram e acompanharam a trajetória do clube: sócios, ex-sócios, membros e ex-membros da diretoria, presidentes entre outros e que se dispusessem a colaborar de forma espontânea.

Utilizei nesta pesquisa dois tipos de entrevista: a individual e a grupal. Ambas foram **semi-estruturadas** devido à flexibilidade que este tipo de entrevista permite. Por não exigir uma ordem rígida nas questões, possibilita ser adaptada ao entrevistado, introduzindo ou selecionando temáticas e novas questões conforme necessidade do entrevistador.

Segundo Minayo (2007), a utilização do grupo como técnica de pesquisa observa pressupostos da dinâmica interativa, como fatores de interferência. A utilização desse tipo de técnica é bastante adequada à abordagem de grupos sociais atingidos coletivamente por fatos ou situações específicas. Os grupos podem ser úteis por transportar os entrevistados para o seu próprio mundo ou situação. As técnicas de coletas de dados, realizadas através do grupo, têm em comum a interação do pesquisador junto a pequenos grupos e recebem várias denominações.

Para as entrevistas, foram elaboradas algumas perguntas geradoras e a partir das respostas dos entrevistados, novas perguntas iam surgindo de acordo com a necessidade. Conforme Queiroz (1988),

a entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. A autora considera que, por essa razão, existe uma distinção

nítida entre narrador e pesquisador, pois ambos se envolvem na situação de entrevista movidos por interesses diferentes. (QUEIROZ, 1988, apud DUARTE 2002, p. 147)

Conforme Tomar (2009), este tipo de entrevista permite ser formulada com uma lista de tópicos ou áreas gerais a serem investigadas, não utilizando questões muito específicas. Possibilita ao pesquisador esclarecer alguns aspectos no seguimento da entrevista e ao entrevistado, uma maior liberdade para desenvolver as respostas segundo a direção que considere adequada. Entre suas principais vantagens está a possibilidade de acesso a uma grande riqueza informativa (contextualizada através das palavras dos atores e das suas perspectivas); gera pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a seleção de outros instrumentos.

As entrevistas temáticas tratam especificamente de um tema escolhido e com este objetivo foram realizadas com pessoas que possuem testemunho pessoal do objeto a ser pesquisado (o clube).

Nesta pesquisa foram realizadas 2 entrevistas grupais (a primeira com 6 pessoas e a segunda com 11 pessoas) e 9 entrevistas individuais. A primeira entrevista grupal foi realizada em outubro de 2010 na residência de um dos entrevistados, cujos participantes foram convidados por Joel.

A segunda entrevista grupal aconteceu no clube União Beneficente, no qual os participantes também foram convidados por Joel. Antes de iniciá-la colocamos sobre uma mesa várias fotografias antigas resgatadas entre a comunidade sendo que algumas foram trazidas pelos próprios participantes. Realizamos uma 'roda de conversa' que durou em torno de 1 hora. Também estava presente meu orientador de pesquisa prof. Luis Fernando Lazzarin.

As entrevistas grupais foram filmadas, e as individuais 4 delas foram filmadas e as outras 5 foram realizadas apenas com gravação de voz. Todos os participantes consentiram com a divulgação do nome, imagem (fotografia e vídeo) e som de voz, conforme modelo de autorização apresentado no Anexo H. O total de entrevistados foram 19 pessoas, mas nem todas as entrevistas foram utilizadas, pois busquei apenas aquilo que foi mais recorrente nas falas ou que de algum modo pudesse ter sido explorado⁵.

⁵ Em algumas entrevistas os entrevistados nem sempre queriam falar sobre o tema principal da pesquisa. Alguns momentos 'fugiam' do assunto contando histórias e dificuldades pessoais ou

Nas entrevistas grupais, procurei dar um ar informal à entrevista, para que os entrevistados se sentissem mais à vontade. Ao chegar, dirigiam-se à mesa e olhando as fotografias expostas, sem nenhum tipo de formalidade. Comentavam entre eles, reconhecendo as pessoas, se encontrando em algumas delas, lembrando-se dos fatos e das pessoas. Dei tempo para que pudessem apreciá-las, quando então sentamos num grande círculo no qual apresentei a mim e meu orientador. Pedi que cada um se apresentasse, embora eu já conhecesse alguns, em seguida iniciamos a conversa, no qual alguns se sobressaíram e outros permaneceram quietos, precisando serem estimulados e indagados.

Percebi nas entrevistas grupais uma maior espontaneidade e descontração dos entrevistados, embora em alguns momentos sentisse que algumas perguntas não funcionaram, conforme relatarei mais adiante. Já nas entrevistas individuais os entrevistados eram mais reticentes e cuidadosos com as palavras, que eram escolhidas com mais critério e maior controle durante as narrativas.

Das entrevistas individuais participaram as seguintes pessoas:

- 1- Adília Gomes da Costa - 102 anos (*in memoriam*) (20/10/1908-02/11/2010)
- 2- Maria Amália Castro dos Santos 73 anos - dona de casa
- 3- Gelci Camilo Vieira - 80 anos - Eletricista - Foi presidente do clube.
- 4- Irani Luis Valente - 61 anos - Funcionário público municipal aposentado. Foi tesoureiro do clube na década de 80, casado com Neusa Valente.
- 5- Neusa Valente - 52 anos - Funcionário pública municipal.
- 6- João Américo Marques de Oliveira- 53 anos - Atual vice presidente, irmão de Joel- Padeiro aposentado
- 7- João Antônio Fontoura - 76 anos - (esposo de Guiomar) Foi sócio por muitos anos e também membro da diretoria - Ajudou na construção do clube.
- 8- Joel Marques de Oliveira - 46 anos - Atual presidente- Também foi membro da diretoria por muitos anos
- 9- Clotilde Jacob - 85 anos - Aposentada- Irmã da primeira rainha do clube.

apenas divagavam em suas memórias. Uma destas foi D. Clotilde, que Joel acreditava ser a mesma pessoa que estava numa das fotografias da qual conseguimos. Na mesma hora peguei a fotografia e fomos a sua casa. Mas ao ver a mesma, disse não que não se tratava dela e sim de sua irmã. Entrevistei-a da mesma forma, porém D. Clotilde não queria recordar o fato da fotografia. Queria saber notícias de outras pessoas, saber quem eu era, onde eu morava e o que eu fazia. Ria muito e contava histórias de parentes e amigos.

Nas entrevistas grupais participaram as seguintes pessoas:

- 10- Maria Eugenia de Oliveira Gaspar (D. Neda) - 78 anos - Doméstica
- 11- Guiomar dos Santos Fontoura - 65 anos - aposentada serviços gerais do Banco do Brasil
- 12- Maria Teresa Marques de Oliveira - 85 anos - Doméstica,- Mãe de Joel e esposa de um ex-presidente já falecido João Antônio Telles de Oliveira por mais de 25 anos
- 13-Francisca Catarina Teixeira - 75 anos - “do lar” - Esposa de David Soares Barbosa um dos membros da diretoria por muitos anos
- 14- Genésio Antônio Silva - Comerciante - 60 anos - Foi presidente do clube
- 15-Joel Marques de Oliveira - 46 anos - Atual presidente do clube e vereador eleito recentemente no município- Foi membro da diretoria por muitos anos.
- 16-Ema Cornelio Fernandes - 79 anos-professora aposentada - Freqüentadora do clube por muitos anos e atual presidente do grupo da 3ª idade “Amigos para sempre”.
- 17- Eloá dos Santos - 70 anos - “Do lar” - 1ª mulher presidente da escola de samba Unidos do Carapé
- 18- Garibaldi Valente de Souza - 80 anos - Funcionário público municipal aposentado
- 19- Cecília Oliveira Munareto - 58 anos - irmã de Joel - Sempre foi membro da diretoria - Trabalha como membro da junta militar.

As informações aqui apresentadas relativas às profissões, foram dadas pelos próprios entrevistados e também por Joel Marques.

2.3 O campo teórico

2.3.1 Estudos culturais

Anterior ao meu contato com o campo teórico dos Estudos Culturais (E.C.) os referenciais teóricos a que eu tinha acesso tornavam-se insuficientes para explicar os ‘estranhamentos’ por mim enfrentados, bem como abarcar as inúmeras divergências que iam aparecendo na minha maneira de entender a cultura negra. Ao mesmo tempo em que tentei ‘resgatar’ uma cultura negra autêntica e homogênea, deparava-me com histórias individualizadas e os mesmos fatos interpretados de maneiras diferenciadas.

A partir da minha aproximação com o E.C., novos olhares e reflexões foram se construindo bem como a possibilidade de novas articulações. Este campo busca problematizar e romper com concepções e lógicas solidificadas, através da confluência de campos já estabelecidos. Desconstrói com conceitos, visões de mundo, discursos e metanarrativas já sedimentadas e consideradas imutáveis.

A partir daí, entende-se que o conhecimento é cultural, pois é resultado de um processo social de criação e interpretação das práticas e discursos que permite ver e pensar sob outras perspectivas, diferentes circunstâncias e contextos. Conforme Hall (2011)

o que importa são as rupturas significativas- em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são proposta se a maneira como podem ser adequadamente respondidas. (HALL, 2011, p. 123)

Os processos do conhecimento não são estudados como fenômenos isolados, mas sim de forma interconectada e interdependente através de uma articulação entre pensamento e realidade histórica.

Segundo Canclini (2009), para que um trabalho neste campo seja cientificamente consistente,

seu objetivo final não é representar a voz dos silenciados, mas entender e nomear os lugares nos quais suas demandas ou sua vida cotidiana entram

em conflito com os outros. [...] Não para ver o mundo de um só lugar da contradição, mas compreender sua estrutura atual e dinâmica possível. (GARCIA CANCLINI, 2009, p. 207)

Segundo o mesmo autor, adotar o ponto de vista dos excluídos é significativo na etapa de *descoberta* no momento em que dá visibilidade aquilo que é negligenciado pelo conhecimento hegemônico, passando assim, a desafiar os saberes constituídos. No momento da *justificação* epistemológica, devemos deslocar-nos entre as intersecções, passando das narrações setoriais ou sectárias à elaboração de conhecimentos que evidenciem a forma de controle e os condicionamentos que estão ligados a cada enunciação.

Aproximo minha pesquisa deste campo teórico, ao produzir uma interlocução entre os sujeitos entrevistados juntamente com os autores e comigo mesma, ao mesmo tempo em que dialogava com eles, minha própria subjetividade e concepções foram sendo questionadas e, recorrendo à literatura especializada para entender aquilo que eu, sozinha, não conseguia devido aos meus próprios condicionamentos e constituição subjetiva: metanarrativas, representações, etc.

Os Estudos Culturais aproximaram-me de alguns conceitos que sustentaram as análises realizadas. Neste sentido, busco esclarecê-los de uma forma breve e sucinta, a fim de que o leitor possa melhor compreender o lugar de onde falo.

2.3.1.1 Cultura

O campo dos E.C. teoriza, investiga e questiona, entre outros, o conceito de cultura que se define exclusivamente pelas chamadas “grandes obras” literárias e artísticas. Neste campo ele deixa de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar também, o gosto das multidões.

Para Hall (2011, p. 133), a cultura é compreendida como “algo que se entrelaça a todas as práticas sociais”, indo além da mera tentativa de identificar os marcadores culturais que definiam e demarcavam em cada grupo a “verdadeira”, a alta cultura. Este entendimento fez com que a cultura se tornasse um elemento de diferenciação assimétrica, justificando desta forma a dominação e a exploração.

Podemos considerar que esta concepção homogênea de Cultura ainda é muito presente em diferentes espaços pedagógicos e sociais, onde seus defensores argumentam que, se não houvesse um denominador comum a todas elas, não haveria como uma cultura se comunicar nem se diferenciar com as demais.

Com a crescente globalização, Veiga-Neto (2003) argumenta que emerge uma nova epistemologia, agora chamada de multicultural. Constituída por um novo conjunto teórico que entende a realidade como uma construção, em que as interpretações são subjetivas, os valores relativos e o conhecimento são considerados um fato político; modifica-se o entendimento tanto de Cultura quanto de Educação. Da mesma forma, modificando o entendimento tradicional da Linguagem, assume a impossibilidade de fundamentá-la fora dela mesma. Sua conversação é permanente e infinita e por isso suas regras são contingentes, podendo transformar-se no decorrer da vida. Acontece a chamada “*virada linguística*” na qual a linguagem é trazida para o mundo cotidiano, produzindo e fundamentando-se na própria realidade, reconhecendo esta realidade como mutante e variável.

A partir destas modificações no entendimento de cultura e linguagem, estas são tanto percebidas como interligadas, adquirindo uma estreita relação uma com a outra. A cultura passa a ser entendida como um conjunto de sistemas de significações que a linguagem e a representação produzem, ou seja, a cultura é criada pela linguagem e seus enunciados⁶, onde grupos em diferentes posições de poder disputam para difundir seus significados e representações. Estes grupos se utilizam de diferentes circuitos culturais para impor seus discursos: Noticiários de televisão, imagens, livros didáticos, músicas e etc. Tais circuitos são concebidos como artefatos produtivos, pois inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais em que negociam significado e se estabelecem hierarquias. De acordo com Hall (2011) a cultura possui uma formulação mais ampla que se opõe a dialética cultura e não cultura, no qual o autor a define como:

Os sentidos e valores entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses “entendimentos” são expressos e os quais são incorporados. (HALL, 2011, p.133)

⁶ Enunciado aqui entendido como tudo aquilo que circula nos discursos; O que permite que sejam importantes; O que pode ser dito e quem está autorizado a dizer.

Nesta perspectiva, considerando que toda cultura tem efeito pedagógico, o clube União pode ser considerado também um local produtor de cultura e de construção de conhecimento, onde se exercem e disputam significados e representações.

2.3.1.2 Identidade

No campo dos E.C., a compreensão de identidade desfaz o caráter essencialista que a considera como um conjunto cristalino e autêntico de características fixas, imutáveis, comuns e partilhadas por todos, não se alterando ao longo do tempo; nesse sentido, são fundamentadas tanto na história quanto na biologia. Entende-se que a realidade é produzida na própria linguagem, então a própria identidade torna-se discursiva, e desta forma, deslocada.

A globalização cria novos padrões de produção e consumo, ao mesmo tempo em que produz uma convergência de culturas e, conseqüentemente, a produção de novas e renovadas identidades étnicas, menos fixas e unificadas. Esta 'problemática' produz dificuldades de posicionamentos e caracterizações que possibilitam identificar grupos específicos, fazendo muitas vezes com que se acredite numa suposta "fragmentação" das identidades. Isto faz com que muitos destes grupos busquem reafirmar ou recuperar suas antigas certezas étnicas evocando origens de um passado histórico de tradições, fatos heroicos, entre outros. Hall (2001) identifica 2 tipos de comportamento identitário ocasionados pela globalização:

"TRADIÇÃO" - Tenta recuperar sua pureza e certeza que são sentidas como sendo perdidas;

"TRADUÇÃO"- Aceita a impossibilidade de manter sua pureza e unicidade reconhecendo sua sujeição ao plano da história, da política, da representação e da diferença.

A Tradução permite antever outro caminho para as identidades que não o seu desaparecimento. Permite negociar com as novas culturas sem serem assimiladas por elas e nem perderem completamente suas identidades: Elas jamais serão unificadas, pois são os produtos de várias histórias e culturas interconectadas,

pertencendo a várias e não a apenas a uma “casa”. São as denominadas “identidades partilhadas”.

Estes processos remetem-nos a Cuche (1999) quando diz que participar de certa cultura particular não implica ter certa identidade particular. O importante é reconhecer os mecanismos de interação que, utilizando a cultura de maneira estratégica e seletiva, mantém ou questionam as fronteiras coletivas. Desta forma, as relações de longa duração entre grupos étnicos não levam necessariamente ao desaparecimento progressivo das diferenças culturais. Ao contrário, estas relações são organizadas para manter a diferença cultural, provocando algumas vezes a acentuação da diferença através do jogo de defesa (simbólica) das fronteiras de identidade. Daí o enunciado de que “toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação” (CUCHE, 1999, p. 200).

Canclini (2008) denomina estas identidades produzidas através da Tradução, como identidades híbridas. Elas não se fundem completamente, nem se reduzem a esta ou aquela, apreende-se aquilo que resulta da proximidade entre formações culturais distintas, produzindo um processo de recriação e reinscrição identitário. Neste sentido, os processos variados de hibridação levam a relativizar a noção de identidades “puras” ou “autênticas”, desvinculadas da sociedade nacional ou à globalização. Torna-se importante compreender de que forma as identidades situam-se em meio à heterogeneidade e como os processos de hibridação são produzidos.

2.3.1.3 Dispositivo

Dispositivo é um termo utilizado com frequência por Foucault, a partir da metade dos anos 70, o qual se define como:

Um conjunto absolutamente heterogêneo, que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas [...] É a rede que se estabelece entre esses elementos (FOUCAULT p.364).

Compreendo, a partir deste conceito, que o dispositivo não é o Clube União por si só, mas o conjunto de relações comportamentais, de condutas e

subjetividades que se produzem a partir dele e das relações de poder e saber que se estabelecem neste cruzamento. Ao se combinarem, manipulam ou orientam em determinada direção. Deste modo, enquanto dispositivo, também pode ser considerado ‘pedagógico’ no momento em que produz práticas que atuam no sujeito produzindo e transformando sua formação e subjetividade.

Por se tratar de uma entidade que põe em funcionamento um ‘poder disciplinar’ a partir de regulamentos próprios contendo normas, exigências e penalidades, acaba transformando-se em espaço de diferenciação que ao mesmo tempo em que homogeneíza e hierarquiza, inclui e exclui, estabelecendo-se aí relações de força.

Conforme Larrosa (1994, p. 54), dispositivo trata-se de uma entidade permeada por práticas **discursivas e não discursivas** criadas a partir de uma lógica constitutiva, ou seja, uma rede de relações de poder/saber que permitem que estas aconteçam: É “qualquer lugar no qual se aprendem ou se modifiquem as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”. Tem o poder de bloquear, fixar e condicionar certos tipos de saber, todavia também é condicionado por ele. Pode-se dizer que o dispositivo realiza uma atividade de governo quando passa a gerir, direcionar e controlar comportamentos, gestos, atitudes e pensamentos dos sujeitos, fabricando assim, condutas e subjetividades. Embora possa criar nos sujeitos uma sensação de “liberdade”, produz um processo de sujeição devido a uma série de práticas e discursos em que se estrutura.

2.3.1.4 Discurso

O discurso não é simplesmente a ação do falar, o ato de narrar sobre algo, mas é todo conjunto de enunciados que possibilitam que as práticas sociais sejam produzidas. Analisar o discurso é dar conta das relações históricas e das práticas concretas que estão vivas em si. O termo discurso “refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento” (HALL, 1997, p. 27). Trata-se de um mecanismo autônomo que ao funcionar no interior de um dispositivo constitui tanto o

representado e o expresso, quanto o sujeito mesmo capaz de representação ou expressão.

Conforme argumenta Larrosa (1994), um discurso constitui tanto um falante singular como uma comunidade de falantes. Possui regras, lógicas e determinações próprias, faz ver, solidifica ou dilui o visível, concentra-o ou o dispersa. Pode operar constituindo ou modificando tanto o sujeito quanto o objeto da enunciação (o que é dito). O que importa aqui não é diferenciar o que há de verdadeiro, fictício ou ideológico no discurso, mas sim compreender a posição do falante e em que condições ele foi dito, em que condições de existência ou em que jogo de relações ele está imerso.

Nesta pesquisa busquei uma articulação entre as condições de possibilidades e existência de determinados discursos bem como suas delimitações a partir de um dispositivo, pois quando um “conjunto de discursos” é colocado em movimento, ele produz negociações, resistência, impõe significados, enfim, produz subjetividades.

A opção teórica- metodológica aqui apresentada deu-se em decorrência aos dados que foram surgindo no decorrer da pesquisa passando a exigir um olhar mais específico e pontual para as divergências que apareciam e iam desfazendo determinadas ‘verdades’ que se proliferam e se generalizam nos discursos relacionados ao negro, sua cultura e sua identidade.

Neste sentido, busco no próximo capítulo situar e contextualizar de maneira breve o lugar no qual realizo a pesquisa, apresentando um pouco da história do município de São Vicente do Sul e trazendo mais informações sobre a fundação do Clube União Beneficente.

3 TERRITÓRIOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA

3.1 O município de São Vicente do Sul

Segundo dados do IBGE atualmente o município é composto por uma população de 8.440 mil habitantes. Sua economia baseia-se na pecuária, com rebanho de bovinos, ovinos, suínos e equinos; Na agricultura destaca-se a produção de arroz, milho e batata-doce. Pela qualidade deste último é conhecido como “**Terra doce do centro-oeste**”. (CONY, 1992)

Está localizado na Depressão Central do RS. Limita-se ao norte com o Município de Jaguari; ao sul, com Cacequi; ao leste, com São Pedro do Sul e Mata; e a oeste, com São Francisco de Assis e Alegrete. Subdivide-se em três distritos: 1º- sede do município, 2º- Cavajuretã, e o 3º - Loreto.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_SaoVicentedoSul.svg

Conforme Cony (1992), São Vicente do Sul originou-se a partir de um antigo aldeamento de índios guaranis vindos do Paraguai, catequizados pelo jesuíta Cristóvão de Mendonza e chefiados pelo cacique Carapé. Formaram o primeiro aldeamento indígena denominado São José, onde hoje está localizada a Praça

Borges de Medeiros. No lugar da atual igreja matriz havia uma capelinha coberta de capim para celebrações religiosas. Deram início às atividades de caça, pesca e agricultura e as mulheres faziam artesanato. Em poucos anos contavam com dez mil habitantes.

Com a guerra das missões, o aldeamento foi destruído e os índios fugiram. Alguns anos mais tarde o jesuíta Cristóvão de Mendonza saído de Portugal, retorna com uma tropa de gado bovino e equipamentos, fundando então a primeira estância de gado, que recebeu o nome de São Vicente Ferrer. Sua imagem “é representada com asas porque ele tinha o poder de “Bi- Locomoção”. Quando falava era visto simultaneamente em dois lugares” (CONY, 1992, p.56).

Essa estância atraiu povoadores de outras regiões vindos de municípios como Rio Pardo, Cachoeira, Rio Grande e São Gabriel. “Sabemos que o índio Carapé voltou a ajudar o jesuíta Cristóvão de Mendonza nas atividades dessa terra”. O governo imperial o nomeou “Capitão-Mor” desta região e com direito a conceder terras aos interessados. (ibidem, p. 58)

No site da prefeitura de São Vicente do Sul também encontramos algumas informações⁷:

A partir de 1826, os jesuítas foram formando reduções em diversas regiões do RS. Em 1632, parte das tribos guaranis aldearam-se entre os rios Toropi, Jaguari e Ibicuí, formando a Redução de São José, fundada pelo padre espanhol Cristóvão de Mendonza e Orelhana.[...]

Tão logo chegou a São Paulo a notícia de que nas reduções jesuíticas havia numerosos índios civilizados, os paulistas organizaram expedições como a de Antonio Tavares e penetraram no RS, atacando e dizimando as reduções. [...] Mais tarde, com a Revolução Farroupilha migraram para São Vicente, indígenas de outras reduções, vindo juntar-se aos que ali existiam. Instalaram-se em pequenos ranchos em Cavajuretã, Loreto, São Pedro do Ibicuí e na região hoje conhecida como Timbaúva dos Mellos e ao redor da atual cidade de São Vicente do Sul.

O povoado foi primeiramente denominado São Vicente, pelos jesuítas, devido à imagem de São Vicente Ferrer, padroeiro da estância jesuítica, trazida por eles, hoje na igreja matriz. Em 1944, por interesses políticos, passou a denominar-se General Vargas, em homenagem a Manoel do Nascimento Vargas⁸, pai do Presidente da República Getúlio Vargas. Em 1969, voltou a chamar-se São Vicente e para distingui-lo do seu nome onomástico de São Paulo, São Vicente do Sul.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Vicente do Sul (RS)

⁷<http://www.saovicentadosul.rs.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=100143390-> Acesso em 24/10/2012

⁸Conforme consta no livro de Maria Cony (1992, p. 49) essa alteração ocorreu numa época em que “o município enfrentava transição e estacionamento, em perigo de perder os direitos de autonomia que foram concedidos a pedido de uma valorosa comissão, que alteraram o nome de nossa terra. Em 1 de dezembro de 1969, outra comissão de vicentenses, liderada pelo nobre deputado Francisco Solano Borges, conseguiu que o município voltasse a usar o primitivo nome de São Vicente do Sul. A comissão que solicitou a reconquista do nome era composta dos seguintes filhos da terra:Fabrício Vidal, Ilo Carvalho, entre outros ”.

Em pesquisa sobre a história do município realizada pela Prof.^a Maria Cony⁹ (1992), a miscigenação da raça negra em São Vicente do Sul deu-se a partir do ano de 1890, cujos primeiros representantes foram a família Fontoura e Bento. Segundo a autora, quando ocorreu a proclamação da “Lei Áurea” já não existia nenhum escravo em São Vicente¹⁰. Costumavam fazer suas reuniões sociais na Rua João Brasil, onde mais tarde se ergueu a construção da sede do Clube União Beneficente (CONY, 1992, p. 112).

Apesar de o município apresentar um histórico de formação com bases na presença indígena, os dados do CENSO 2010 quanto à declaração de cor obtidos através do site do IBGE¹¹, não aparecem nenhuma referência a estes:

População residente - cor ou raça – **Branca: 6.480 pessoas**
População residente - cor ou raça – **Preta: 232 pessoas**
População residente - cor ou raça – **Parda: 1.717 pessoas**

Conforme a ata de fundação do clube (Anexo C), o Clube União Beneficente foi fundado no dia 20 de janeiro de 1953 por iniciativa do Sr. Astrogildo dos Santos.

Primeiramente o clube ocupara um chalé de madeira já existente no terreno. Alguns anos depois com a mobilização e o trabalho dos próprios fundadores foi construído de alvenaria.

Em consulta ao estatuto do clube vemos que seu objetivo vem ao encontro das prerrogativas dos Clubes Sociais Negros conforme consta na pesquisa de Escobar (2010) de prestar auxílio financeiro aos associados, embora não tenha sido encontrada nenhuma referência durante a leitura das atas de que este auxílio tenha beneficiado alguém em algum momento.

⁹Personalidade muito conhecida e respeitada entre os moradores de São Vicente do Sul pelo trabalho que desenvolveu na área da educação. Foi professora e diretora por muitos anos da escola estadual São Vicente. Maria Cony possuía deficiência visual. Recebi muitas referências sobre um livro que ela havia escrito contando com a história do município. Fui até a biblioteca municipal, mas não encontrei nenhum exemplar. Foi então que consegui o mesmo através de um morador da cidade, o Sr. João Miranda.

¹⁰ Em consultas realizadas ao site do APERS (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) verificamos a existência de registros sobre a presença escrava nas imediações e no povoado de São Vicente no século XIX, tanto através de inventários como de cartas de alforria. As informações estão disponíveis no volume 2 do Catálogo Seletivo de Cartas de Liberdade, que pode ser acessado através do link: http://www.apers.rs.gov.br/arquivos/1169225608.Catalogo_Seletivo_Cartas_Liberdade_Volume_2.pdf

¹¹<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

Em relação ao objetivo do clube União encontramos em seu regulamento a seguinte informação:

Capítulo I

Da organização e seus fins :

Art. 1º- [...] tem por finalidades proporcionar aos seus associados um ambiente agradável em sua sede, assim como dar auxílio financeiro aos sócios, comprovadamente necessitados, mas sempre na medida das possibilidades financeiras da Sociedade..

Em consulta ao livro de atas, a eleição da primeira diretoria foi realizada no Teatro Carlos Gomes ficando assim composta:

Presidente: Astrogildo dos Santos

Vice-presidente: Argeu Vieira

1º secretário: Aracildo Valente da Rosa

2º secretário: Gomercindo dos Santos

1º tesoureiro: Francisco Atarão

2º dito: Olívio Gomes da Costa

Conselho fiscal: Dorival Rivarol; Vergilino de Paula Carvalho; Delmar Guedes dos Santos

Estavam presentes na sessão um total de 28 pessoas:

- Astrogildo dos Santos - brasileiro - casado - jornalista
- Argeu Vieira - brasileiro - solteiro - jornalista
- Aracildo Valente da Rosa - brasileiro - casado - jornalista
- Gumercindo dos Santos - brasileiro - casado - jornalista
- Francisco Atarão - brasileiro - solteiro - funcionário federal
- Olívio Gomes da Costa - brasileiro - casado - sapateiro
- Delmar dos Santos - brasileiro - solteiro - jornalista
- Dorival Rivarol- brasileiro - solteiro - jornalista
- Vergilino de Paula Carvalho - brasileiro - casado - jornalista
- Gelci Camillo Vieira - brasileiro - solteiro - jornalista
- Paulo Valente da Rosa - brasileiro - solteiro - jornalista
- Osmarina Guedes dos Santos - brasileiro - solteiro - (jornaleiro) Func. municipal

- Dinorá dos Santos - brasileira - solteira - doméstica
- Alice Clementina dos Santos - brasileira - solteira - doméstica
- Esther Alves - brasileira - solteira - doméstica
- Maria Amália dos Santos - brasileira - solteira - doméstica
- Adília Santos da Costa - brasileira - solteira - doméstica
- Maria Martins - brasileira - solteira - doméstica
- Gilda Martins - brasileira - solteira - doméstica
- Felicia Maria dos Santos brasileira - casada - doméstica
- Luciana da Costa - brasileira - solteira - doméstica
- Maria Eugenia Vieira da Silva - brasileira - solteira - doméstica
- Thereza da Silva Rodrigues - brasileira - solteira - doméstica
- Santa Rozada da Silva Rodrigues - brasileira - solteira - doméstica
- Maria de Lourdes da Silva Rosa - brasileira - casada - doméstica
- Maria Ilza Valente da Rosa - brasileira - solteira - doméstica
- Izaura Silva Rivarol - brasileira - casada - doméstica
- Adil da Silva - brasileiro - casado - funcionário municipal

Em atas posteriores foi possível observar que a maioria destas pessoas citadas acima permaneceu por muito tempo fazendo parte da diretoria do clube União. Mudavam-se alguns cargos e funções, alternavam-se alguns nomes, mas muitos nomes repetiram-se no decorrer dos anos.

A fotografia abaixo mostra a fachada atual do Clube União Beneficente. Não foi encontrada nenhuma foto antiga da fachada do clube, somente fotografias que apareciam um pouco do espaço interno do mesmo.



Figura 1 – Clube União Beneficente- Município de São Vicente do Sul/RS
Foto: Letícia Mossate Jobim, 08/08/2012.

3.1 Clubes sociais negros

As informações apresentadas sobre o Clube União Beneficente foram bastantes limitadas, pois não havia um espaço ou fonte específica diferente dos livros de atas, que dispusessem outras informações. Deste modo, recorri a pesquisas já realizadas sobre outros clubes Sociais Negros a fim de complementar e enriquecer um pouco mais as informações.

Conforme pesquisa de Escobar (2010) os clubes sociais negros constituíram um local de sociabilidade e de lazer para a população negra que era impedida de frequentar os tradicionais 'clubes sociais brancos'. Além disso, tinham como objetivo angariar fundos para o pagamento da liberdade de trabalhadores negros escravizados, auxiliar na despesa com funeral, defesa de direitos e na educação de seus associados, atuando de forma incisiva na luta contra a escravidão e a

discriminação racial. Muitos deles cumpriam o papel que cabe hoje a Previdência Social, ou seja, dar assistência àqueles que em caso de velhice, doença ou morte estiverem incapazes para o trabalho. No “Clube dos Escravos do Brasil”, criado em 1881 no município de Bragança Paulista em São Paulo foi fundada a “Associação Club dos Escravos”, que entre as principais atividades mantidas “destacaram-se a criação de uma escola primária para escravos, trabalhos para a extinção da escravatura em todo o Brasil e facilitação das fugas nas fazendas”. (ESCOBAR, 2010, p. 58-59)

De acordo com a mesma autora, eles representam um espaço simbólico de resistência do povo negro, e sua origem é anterior à abolição da escravatura, sendo que o mais antigo foi fundado no ano de 1872, em Porto Alegre (RS) com o nome de Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora. O mais recente foi criado no ano de 1971 em Caçapava do Sul (RS), denominado Sociedade Recreativa Harmonia.

Segundo ata da comissão nacional dos clubes sociais negros dos Estados do RS, SC, RJ, SP, MG, foi elaborado em 29 de fevereiro de 2008¹² um conceito de clube social negro:

Os clubes sociais étnicos são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originário da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e de caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio.

Para Escobar (2010) este é um conceito que foi criado devido à necessidade do Movimento Clubista Negro em definir e implantar políticas públicas específicas, voltadas para este setor. Ainda está em construção podendo ser alterado de acordo com os entendimentos e anseios que surgirão de acordo com a trajetória destas entidades.

Após o 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedade Negras acontecido em 2006 no município Santa Maria/RS originou-se uma política de mapeamentos dos Clubes Sociais Negros. Até o ano de 2009 foi mapeado no RS um total de 55 clubes, mas acredita-se que este número pode ser maior.

¹² Disponível em <http://www.clubesnegrosbr.blogspot.com>. Acesso em 16 de janeiro de 2012.

4 O PROTAGONISMO PEDAGÓGICO DE UM CLUBE SOCIAL NEGRO

As categorias de análises desenvolvidas neste capítulo são o resultado das convergências e recorrências obtidas durante as narrativas dos entrevistados. Somente após a manipulação dos dados e uma leitura mais atenta é que fui selecionando as possibilidades de categorias que de algum modo, pudessem dar conta do problema e das questões que motivaram a investigação.

Certamente outros pesquisadores com posse dos dados aqui obtidos poderiam encontrar diferentes possibilidades das que por mim foram trazidas. Reconheço que por mais que se tente dar um caráter objetivo aos resultados da pesquisa, o que cada pesquisador produz está incorporado a sua própria subjetividade e é resultado daquilo que lhe provoca e lhe ‘afeta’ de forma singular: De acordo com Duarte (2002)

“a produção de um texto no qual os recortes das falas, os indivíduos privilegiados, os temas destacados e tantas outras formas de intervenção expressam menos as dúvidas e opiniões dos informantes que o posicionamento do pesquisador-autor (DUARTE, 2002, p. 148)”.

Deste modo, auxiliada pelos teóricos, apresento aqui o que foi possível produzir e responder as minhas inquietações.

4.1 “Sempre teve muito respeito embora fosse dos negros”: A regulação das condutas

A frase que motivou o desenvolvimento desta temática surgiu durante a fala de um dos entrevistados no momento em que fiz a seguinte pergunta:

Entrevistadora: Fale um pouco sobre quem eram e como eram as pessoas que frequentavam o clube. Havia algum tipo de restrição ou exigência para ingressar e participar das festividades?

Américo: *Era mais familiar, as famílias frequentavam, pai, mães, filhos. [...] A exigência maior era o respeito. (grifo nosso) Para se associar tinha que passar pela diretoria... pessoas que gostavam de confusões já eram eliminadas, não aceitavam... [...] De início não podia entrar branco, ou senão assim... podia entrá, mas se desse qualquer probleminha que desse ele mesmo dava o castigo. Era só ser maltratado... ele mesmo resolvia... (o pronome 'ele' refere-se ao primeiro presidente do clube). [...] sempre teve muito respeito embora fosse dos negros... (grifo nosso). (AMÉRICO, tesoureiro, entrevista individual)*

Ao fazer a transcrição desta narrativa e fazer sua leitura mais atentamente, fui tomada de uma grande inquietação que me exigiu reflexões mais aprofundadas sobre questões relacionadas as identidades e as diferenças.

No bloco acima, vemos que Américo diz que o 'respeito' é considerado a exigência maior para frequentar o clube. Ao finalizar sua fala reitera novamente: 'sempre teve muito respeito', e logo em seguida faz a observação "embora fosse dos negros". Instantaneamente me perguntei: Seria esta uma fala de brancos? Ao parar e refletir com um pouco mais de prudência concluí que não. Mas certamente se pedíssemos a algumas pessoas para dar sentido a essa frase a explicação seria de que Américo é um negro racista e que muitos negros são muito mais racistas do que os brancos, um discurso que faz parte do senso comum e é bastante corriqueiro hoje em dia.

Devido minha inserção no campo de pesquisa e pelo caráter contextual de minhas interpretações, busco os sentidos das falas de meus colaboradores no interior de suas representações para o que aprenderam de um 'ser negro' a partir das relações estabelecidas com o Clube União. Considerando que os sentidos só podem ser atribuídos de acordo com as condições de possibilidades de tais discursos, o texto sem o contexto é passível de amplas interpretações. Vejo então esta frase carregada de significados e envolvida por uma gama de saberes e valores que foram produzidos a partir das práticas e discursos aprendidos, apreendidos e defendidos por este clube, dentre eles os valores morais.

Ao transcrever atentamente as entrevistas e ao confrontar com as atas de reuniões fui percebendo que era dada muita ênfase ao 'respeito' dentro do clube. Numa outra fala também decorrente da mesma pergunta recebi uma resposta bastante semelhante à fala de Américo:

Irani: - *O clube União era frequentado pelos mais humildes e era conhecido como "Clube dos morenos" [...]. Todos podiam frequentar desde que houvesse respeito, o*

presidente era muito rigoroso em relação ao comportamento: os casais não podiam nem se beijar. (grifo nosso)

Pareceu-me que respeito era entendido por Américo e Irani como um valor que não fazia parte da gramática cultural do negro. Digo isto por ter tomado conhecimento durante minhas pesquisas a autores diversos, do histórico de desmerecimento enfrentado pelos negros no decorrer da história e aos sistemas de identificação que lhes foram propostos pela sociedade.

Segundo Fanon (1983, p. 152-153) “na Europa, o negro, seja concreta ou simbolicamente, representa o lado mau da sociedade [.] Isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. Arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro”.

Munanga (2009) confirma este histórico quando explica que desde a sociedade colonial tentou-se de vários recursos para fixar uma imagem ‘reducionista’ do negro sendo criadas diversas teorias e explicações científicas. Entre elas a teoria climática no qual “as temperaturas extremamente altas ou baixas tornam o homem bárbaro, e as zonas temperadas favorecem o desenvolvimento das civilizações” (MUNANGA, 2009, p. 28); Conforme argumenta o autor, a cor do branco era considerada uma condição humana normativa e a do negro necessitava de explicação científica, justificada muitas vezes na natureza do solo e na alimentação, no ar e na água dos africanos. Porém, esta teoria tornou-se insuficiente devido a alguns povos que viviam no Equador não tornarem-se negros. Foi criada então, outra explicação de ordem religiosa nascida do mito Camítico entre os hebraicos:

“os negros são descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por tê-lo desrespeitado quando este o encontrou embriagado, numa postura indecente. Na simbologia das cores da civilização européia, a cor preta representa uma mancha moral e física e a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de idéias a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina (MUNANGA, 2009, p. 29)”.

No século XVIII os iluministas consolidam a noção depreciativa herdada das épocas anteriores: “Sexualidade, nudez, feiura, preguiça e indolência constituem os temas chaves da descrição do negro na literatura científica da época” (ibid., p.30). Muitas teorias foram formuladas sobre as características físicas e morais dos negros a fim de justificar e legitimar tanto a escravidão quanto à colonização. Estas teorias

foram produzindo práticas sociais, criando um conjunto de condutas que vai incorporando-se naturalmente aos gestos, as palavras e as atitudes mais banais¹³.

O 'retrato-acusação' que foi constituindo a imagem do negro no decorrer da história como preguiçoso, retardado, perverso, ladrão, etc., cria nele um complexo de sentimentos que vai de vergonha ao ódio de si mesmo, conforme explica Munanga (2009).

Não questionei Américo sobre seu conhecimento a respeito deste histórico depreciativo enfrentado pelo negro, mas a conclusão de sua frase “embora fosse dos negros”, pode estar de certa forma atrelada a uma subjetivação de todo este histórico que foi propagado na sociedade e que persiste ainda hoje, e que não necessariamente, é aprendido e apreendido somente através da educação formal, mas também na informalidade das relações. Existe toda uma rede discursiva que vai produzindo sentidos e representações e constituindo os sujeitos.

Sua fala me fez refletir então sobre como o clube, através de seus presidentes e daqueles que falam a partir dele e sobre ele (quem o representa), se empenhavam na transformação e na produção da autoestima do negro buscando contraposição a este discurso e mostrar a sociedade branca que lá dentro também havia bom comportamento e respeito; que os negros também são capazes de participar de uma sociedade moral e familiar em par de igualdade com a ações das pessoas brancas. Os valores buscados e defendidos dentro do clube União eram de certa forma uma maneira de afirmar-se enquanto 'iguais' perante a sociedade, conforme se observa na fala de Américo:

Entrevistadora- O senhor sabe dizer o motivo da criação do clube União Beneficente?

Américo- *Ele (o primeiro presidente) criou o clube porque na época tinha mais assim, prá fora... (referindo-se a clubes) e não tinha... Até acho que o primeiro foi o*

¹³ Senti diretamente esta naturalização das palavras, quando durante uma entrevista em que o entrevistado contava sobre um espaço religioso que tinha em sua casa, no qual recebia as pessoas e dava 'passes'. Perguntei-lhe em que momento essas pessoas iam procurá-lo. Ele começou a responder dizendo que elas iam quando a coisa já estava... e eu para tentar concluir sua frase disse : - Quando a coisa já está “**preta**”? Logo que falei, me dei conta do que eu tinha dito e fiquei completamente desconcertada. Não sei se o entrevistado se deu conta do que eu havia dito mas completou dizendo: - “Quando elas já estão desesperadas”...

outro¹⁴, e não tinha este clube União. Ele quis mais porque a família dele tinha bastante gente... Ele se dava com quase toda comunidade.

Entrevistadora- E no **outro** eles não podiam ir?

Américo- Eles não iam, já por causa disso aí né... (referindo-se ao preconceito) e na época também era assim...praticamente não liberavam pros negros que chamavam... Hoje em dia se chamá assim já dá problema... Depois claro, com o passar dos anos sempre teve esse problema... Claro, agora já não tem mais. De início eu lembro que contavam que era assim...

Entrevistadora- E ele era negro? (Referindo-me ao primeiro presidente)

Américo- Era, era azul...

Aqui Américo explica que o clube foi criado a fim de proporcionar um espaço de socialização e diversão à família do primeiro presidente que era bastante grande, já que eram proibidos de entrar em outros clubes. Entendo que sua materialização se deu a serviço da criação de um poder necessário para que seus integrantes tivessem suas identidades vinculadas também a esta representatividade, que sempre lhes foi negada.

Ao analisar o clube enquanto um dispositivo pedagógico evidenciou-se que o mesmo utilizava determinados mecanismos de controle, regulação e auto-regulação coativos e normativos sob a forma de regulamentos e normas, exigências e restrições. Quem não se adequasse a elas era submetido a punições que poderiam ir da suspensão até a expulsão do mesmo conforme a gravidade da infração.

Em consulta às atas, encontrei alguns casos descritos no qual destaco um deles, registrado na ata nº 18 do dia 03 de junho de 1958, cujo um dos motivos da sessão era decidir sobre a ‘falta’ de um sócio. Todos os presentes lavraram um ofício dirigido ao ‘agressor’ (acredito que seria a denominação dada àquele que transgredia as regras do clube). Neste, ele recebe aviso que estaria suspenso da sociedade por 60 dias por ter sido enquadrado na letra B do artigo 25 do estatuto e a letra B e D do artigo 26, que diz o seguinte:

Da suspensão

Art. 25- Será suspenso pelo prazo máximo de 3 (três) meses, quando quite com a tesouraria:

¹⁴Utilizarei o termo “**o outro**” em negrito e itálico toda vez que for citado o nome do outro clube da cidade conhecido como ‘clube dos brancos’. Faço esta substituição a fim de preservar sua identidade visto que foi muito mencionado pelos entrevistados.

b) Quando perturbar a boa ordem do clube ou promover discussões políticas ou religiosas dentro do seu recinto seja qual for a dependência.

Art. 26- Será eliminado:

b) Quando ficar provado haver cometido atos em desacordo com a ética social comprometedores de sua moral.

d) Quando dever 4 (quatro) meses de mensalidades vencidas e não saldá-las dentro de (14) quatorze dias.

Na ata não aparece descrita com minúcia a falta cometida pelo sócio, mas percebe-se a preocupação da diretoria em 'zelar' pela imagem do negro frente à sociedade de São Vicente do Sul.

Durante a leitura de outras atas encontrei outros registros em que são discutidos os comportamentos dos seus frequentadores e são tomadas algumas providências:

[...] O presidente perguntou a diretoria se ninguém tinha nada a falar sobre a sócia (fulana)... Aí o presidente disse que ela vivia de namoro com o jovem (fulano)... lá pela frente do cemitério, e à vezes lá por dentro.[...] Suspendemos esta sócia por 60 dias, por causa de seus comportamentos e mesmo de suas más companhias que está prejudicando ela mesma e a sociedade. (ata nº 20 do dia 23/06/1958)

[...] Uma menina que era acostumada a dançar com nós, e que não é sócia, andava de conversas fora de hora no portão da casa de seu patrão com um homem casado... e que esse homem tinha sido visto pulando a janela da casa onde trabalhava esta menina... A diretoria disse que não convidaria mais ela para baile... (ata nº 20 do dia 23/06/1958)

A diretoria do Clube União tem a gentileza de perguntar a Senhora por intermédio deste ofício se a Senhora vai continuar frequentando a sociedade ou não. Por que a Senhora tem todos os direitos de frequentar a sociedade uma vez que a Senhora queira. A sua filha (fulana)... Não pode mais frequentar a sociedade de forma alguma só que ela legalize com o estado civil... (Ofício escrito durante ata nº 23 do dia 16/08/1958 que seria destinado a uma das sócias)

As descrições acima revelam que os frequentadores do clube eram avaliados não somente por seus comportamentos dentro do clube, mas também fora dele. Todos os 'maus comportamentos' independente de onde fossem realizados, também eram vistos como prejudiciais à imagem do clube e para zelar por ela punia-se da mesma forma. Quanto ao 'homem casado que pulou a janela', não ficou entendido se era frequentador do clube ou não, pois pela leitura nota-se que não foi cogitado tomar nenhuma providência em relação ao seu comportamento. Somente a menina

foi punida. Reconhece-se aí o quanto o clube, através da sua diretoria empenhava-se pela moralidade vigente na época, realizando um trabalho de ‘policimento’, regulação e controle através da punição que me remeteram as leituras de Foucault (1986) quando descreve sobre a arte de punir no regime do poder disciplinar:

‘não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares um conjunto que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. (FOUCAULT, 1986, p.163)’.

Ao pensar sobre este campo de comparação descrito por Foucault, talvez se possa considerar que eram tomados como parâmetros, normativas de moralidade e religiosas, que subjetivavam tanto negros quanto brancos. A partir destas que media-se e hierarquizava-se a capacidade e o nível dos indivíduos, que suas ações eram reguladas e as diferenças definidas. Isso para Foucault (1986) acaba de certo modo, produzindo graus de normalidade que passam a hierarquizar, classificar e distribuir lugares. Para este, “em certo sentido, o poder da regulamentação obriga à homogeneidade” (FOUCAULT, 1986, p.164). E ao homogeneizar o poder da norma introduz toda a gradação das diferenças individuais, permitindo medir os desvios, determinar os níveis e fixar as diferenças.

Mais uma vez podemos observar a preocupação em estar em condições de igualdade com os brancos quando Joel discorre sobre o clube:

Joel- *“-Não é porque é clube dos negros que não vai ter conforto... ar condicionado, tudo pras pessoas se sentirem bem [...]”.*

A capacidade de mostrar esta igualdade parece-me também que não é buscada somente ao nível das capacidades morais, mas também materiais, representada aqui pelas condições que o clube possuía de oferecer conforto e bem estar aos seus sócios. Novamente articulo-me a Munanga quando descreve as várias teorias que tentavam fixar ideias sobre os negros. Entre estas, outro distintivo que diferenciava o negro na sociedade, era sua existência miserável: “sua casa não tem móveis nem conforto, sua alimentação é grosseira, os homens são preguiçosos, e as mulheres, debochadas”. (MUNANGA, 2009, p. 30)

Em outros relatos obtidos pelos entrevistados confirmam-se outras tentativas de 'ordem moral' ao apontarem algumas regras tais como: mulheres não podiam dançar de casacos, pois poderiam estar escondendo uma gravidez; homens teriam que estar usando gravatas; mulheres não podiam usar roupas curtas nem decotes. Quando faziam visitas a outros clubes da região, homens e mulheres iam de caminhão, separados por uma corrente; Os casais deviam preservar certa distância enquanto dançavam:

Guiomar- *“Se a moça estivesse dançando muito junto do moço, ele (o presidente) chegava e dizia: - Repreende a fulana. Éramos levadas para o toalete e lá ficávamos quinze minutos...”* (**Entrevista coletiva, dia 31/05/2012**)

Guiomar: *Deus o livre que uma moça ficasse grávida e entrasse no clube, não deixavam entrar...*

A preocupação em exigir respeito e um 'bom comportamento' talvez possa ser justificada como uma tentativa de 'ajustar' o negro aos modelos e discursos impostos de 'bom cidadão'. Modelos desejáveis que fossem trazidos de fora para dentro do clube, ou seja, aqueles determinados pela sociedade branca. Esta estruturação social e comportamental no qual um grupo social é tomado por outro como referência é tratada por Silva (2007), como o resultado da hierarquização que ocorre no campo das relações de poder/saber, no qual uma identidade específica se 'normaliza', ou seja, a ela se atribui todas as características positivas possíveis, servindo de parâmetro a outras que conseqüentemente são avaliadas de forma negativa.

O regulamento do clube também deixa clara a preocupação com a 'boa conduta' de seus frequentadores quando faz referência a mesma:

Cap. IV- Dos sócios:

*Podem ser sócios do clube, **tendo boa conduta**, com profissão definida e que residam pelo menos há dois anos nesta cidade: (grifo nosso).*

a) Os homens maiores de 17 anos;

b) Os menores de idade legal, apresentando autorização dos pais ou tutores;

c) As viúvas.

Chamou-me a atenção a questão de que apenas as viúvas poderiam ser sócias. No decorrer da conversa com o grupo fiz a seguinte pergunta:

Entrevistadora- Homem solteiro entrava e mulher não podia?
Oswaldo- *Homem podia, mulher não.*

Embora Oswaldo tenha confirmado tal condição, ao consultar documento que apresenta a relação dos sócios fundadores do clube, havia 16 mulheres e 12 homens. Das mulheres 13 eram solteiras e apenas três eram casadas. Dos homens, seis eram casados e seis eram solteiros. Veremos mais adiante que assim como havia regras ‘não ditas’ mas que estavam subentendidas, também aqui o que está escrito parecia não ter muito valor.

Outra questão que me questionei era sobre qual seria o entendimento de ‘profissão definida’ naquele contexto. Verificando a mesma documentação consta que todas as mulheres eram domésticas com exceção de uma que aparece como jornalista/ funcionária municipal. Dos homens, nove eram jornalistas, um sapateiro e dois eram funcionários municipais.

A exigência de ter uma profissão possivelmente poderia estar relacionada a uma tentativa de desvincular a imagem do negro propagada nos discursos como sendo um indivíduo ‘preguiçoso’, ‘perverso’ e ‘ladrão’ conforme já referido por Munanga. A ‘boa conduta’ também seria uma forma de alterar sua caracterização de ‘incapaz’ de viver adequadamente e respeitosamente em sociedade. A mudança desse discurso poderia torná-los aptos a disputar espaços nas várias instâncias de poder.

Questionei Joel sobre em que bases o clube criou seu regulamento. Ele disse não saber ao certo, mas acreditava que teria sido a partir do regulamento já existente no clube dos brancos, evidenciando mais uma vez que as regras eram equivalentes.

Ao narrar um pouco da história do clube Joel novamente faz referência à elite branca:

Joel: *“-Meu pai foi das épocas boas. Quando aconteciam os bailes, as festas e a elite frequentava o clube, a rainha do outro clube (referindo-se ao clube dos “brancos”) também participava...”*

Nota-se que a presença da ‘rainha branca’ e da elite eram motivos de orgulho para ele e aparecem estreitamente relacionadas à concepção de “épocas boas”. Trazer a elite e a ‘rainha branca’ para dentro do clube também pode ser visto como

uma maneira de mostrar/reforçar a sociedade a capacidade de estar em par de igualdades e condições com os brancos.

Ao observar as fotografias abaixo que registram as visitas da rainha branca ao clube União, me chamou a atenção à atitude das pessoas ao seu redor, que aparecem imóveis a admirá-la, transparecendo um extremo respeito.



Figura 2



Figura 3

Figura 2 e 3 – Fotografias da ‘rainha branca’ em visita ao clube (data imprecisa)
 Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Cecília Oliveira Munareto.

Ao realizar algumas leituras sobre as entidades negras e os lugares sociais por eles frequentados, foi visto que muitas destas entidades não compreenderam a função político-social que representavam, tomando por objetivo promover a “elevação social do negro, as reuniões, bailes, comemorações realizadas pretendiam demonstrar a capacidade de o negro “bem comportar-se” e de organizar e dirigir agremiações similares às dos brancos” (SOUZA, 2005, p.75).

Seria então, esta atitude de respeito à rainha branca o desejo de demonstrar suas capacidades comportamentais?

Além dos clubes, muitos outros recursos foram utilizados para provocar mudanças às frequentes discriminações enfrentadas pelo negro e alterar sua imagem e autoimagem, modificar e expandir seus lugares sociais. Dentre estes caminhos estava a imprensa e entidades próprias.

Andrews (1998), ao discutir os temas abordados pela imprensa negra na década de 20 descreve: “[...] os artigos regularmente publicados instavam os leitores a dotar moralidade “moderna”: a abandonar o álcool, jogo e outros vícios, manter o decoro público, evitar o adultério e a vida devassa, a educar seus filhos para serem comerciantes ou profissionais respeitáveis.” (ANDREWS, 1998, p.130).

Tais comportamentos exigidos não necessariamente podem ser considerados como formas de submissão àquilo que a sociedade branca valoriza em termos comportamentais, pois apreender o que é instituído pode ser também uma estratégia utilizada para adquirir condições de lutar em pé de igualdade e transformar discursos e representações negativas. De acordo com Escobar (2010, p.164), “embora aos moldes de uma sociedade branca, estes espaços encontraram a sua “maneira negra” de dizer que estavam naquela sociedade, naquela época, naquele mundo, tornando-se visível pela criatividade e competência”. Foi através da festa, da “negociação” e organização política que foi produzida uma identidade coletiva e um sentimento de pertença aos negros, que até então não existia.

4.2 “Eu gostaria de saber mais sobre o negro”: A produção das identidades e diferenças

A frase acima foi extraída de um trecho de uma narrativa de Joel, quando contava sobre sua trajetória como presidente do clube.

***Joel-** Comecei a procurar alguma coisa sobre o negro, porque faço parte do clube dos negros, sou negro e nunca fui pra esse lado... Quando eu peguei o clube, eu gostaria de saber mais sobre o negro, de participar mais. (Entrevista individual-05/05/2012)*

A partir de sua narrativa fica claro que, no momento em que ele assumiu a presidência do clube, sentiu-se interpelado a negociar uma posição em relação a

sua identidade. Seu cargo lhe recruta como sujeito e lhe exige assumir uma identidade. Esse recrutamento aparece representado através do desejo em saber mais sobre 'o negro', um negro que a primeira vista, parece estar tão distante dele. Porém, entendo que o negro a que Joel se refere, não é aquele que lhe é semelhante apenas pela cor da pele, mas o que vai além do seu aspecto físico, ou seja, um negro que se (re) conhece na história.

O que acontece normalmente é que embora sejamos todos culturalmente diferentes, atribuímos uma identidade comum a todos aqueles que são portadores da pele negra. De acordo com Silva (2007) isso é o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva que definem as identidades, produzindo a 'ilusão' de ver nelas todas as referências que nos são oferecidas. Porém, tanto a identidade quanto diferença, é resultado de atos da criação linguística que, como todo sistema de significação, possui uma estrutura instável. Neste sentido, ao sermos governados pela estrutura da linguagem, conseqüentemente somos dependentes de uma estrutura que balança, que oscila e 'vaza', fazendo com que as identidades adquiram um caráter indeterminado e instável. Para Hall (1997),

"o que denominamos "nossas identidades" poderia ser mais bem conceituado como a sedimentação através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que se dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p. 22)".

Entende-se daí que a 'fabricação' do sujeito, a produção de sua identidade, é mediado por diversos artefatos e instituições culturais que lhe investem: Família, escola, igrejas, clubes, sociedades culturais, mídia em geral, arte entre outros. No contexto temporário que Joel está inserido, ou seja, devido ao seu cargo de presidente do clube, à referência à cultura negra que este adquiriu perante a comunidade, sua inclusão no grupo de clubes sociais negros mapeados no RS, predispõe Joel a uma negociação de sua identidade, que é acionada pelo clube, enquanto dispositivo pedagógico. "Tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade". (SILVA, 2007, p. 84)

Embora não tenhamos um total discernimento daquilo que vai constituindo-nos enquanto sujeitos, as identificações que vamos adquirindo são o produto das

relações e práticas sociais e culturais a que estamos imersos, de forma que estas passam a interferir paulatinamente na construção de uma imagem 'de si próprio'.

Analisemos a explicação abaixo:

Entrevistadora- Porque vocês acham que o clube era chamado de clube dos morenos e não dos negros?

Guiomar: *Não sei por que esse apelido.*

Neuza: *É porque não queriam usar o termo negro né...*

Joel: *É mais suave né...*

Entrevistadora- E vocês se identificavam como 'os negros'?

Guiomar- *Claro, claro.*

Oswaldo- *Nós não conhecíamos como clube dos morenos, porque tinha um nome, Clube União, nós nunca dizíamos clube dos morenos...*

Entrevistadora- **Então quem chamava o clube de clube dos morenos?**

Oswaldo- *Eram os brancos.*

Na explicação dada pelo grupo entende-se que a identificação de 'morenos' foi o resultado de um procedimento de diferenciação utilizado pela sociedade branca. Ou seja, eles adquiriram uma identidade que foi forjada num contexto específico devido às circunstâncias que exigiam que o grupo de frequentadores do clube União fosse identificado/diferenciado. O que aqui aparece é o jogo de poder para impor determinada identidade e diferença ao conjunto do grupo, pois conforme Silva (2007), ambas são os resultados de uma relação social, sujeitas a vetores de força e relações de poder, não estando nunca separadas destas relações.

Vemos nestas falas que são nas trocas sociais que a identidade se constrói e se reconstrói, sendo o resultado das interações entre os grupos e dos procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações, conforme explica Cuche (1999). Porém, para o autor "nem todos os grupos tem o "poder de identificação", pois esse poder depende da posição que se ocupa no sistema de relações à que liga os grupos. Nem todos os grupos têm o poder de nomear e de se nomear" (CUCHE, p. 185-186). Embora a identidade se construa em função das estratégias dos atores sociais, estes não são desprovidos de uma margem de manobra ou totalmente livres para definir suas identidades. O que existe são formas de resistência a estas determinações.

Todavia, não considero que os brancos foram os responsáveis por produzir uma identidade para os negros. Vejo que a partir da criação de um clube 'para os negros', surgiu a necessidade de identificá-los, pois anterior à ele, já havia muitos negros em São Vicente do Sul. No momento em que começa uma aproximação entre eles devido a interesses comuns (primeiramente foi o de usufruir de um espaço de diversão e o lazer), vai se produzindo entre a sociedade representações a respeito daqueles que integram este grupo. A partir daí emerge então, um novo grupo social distinto que acaba produzindo práticas culturais específicas, reinventando as já existentes, alcançando meios de falarem por si mesmos, resultando então, na formação de novos discursos e conseqüentemente adquirem uma identidade.

Concordo então com Silva (2007, p. 76), ao dizer que identidade e diferença são ativamente produzidas no mundo social e cultural: "Somos nós quem a fabricamos no contexto das relações culturais e sociais." Elas são formadas culturalmente através das circunstâncias, sentimentos, histórias, experiências, etc., ou seja, não são criaturas do mundo natural e sim o resultado de atos de criação linguística, pois passam a ser nomeadas. Para o autor,

"a identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. [...] Dividir e classificar significa também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2007, p. 82)".

A partir do momento em que se afirmam as identidades e diferenças se produzem também relações de poder. Portanto, ao fazer uma classificação, uma distinção entre "nós" e "eles", tomando as diferenças como definidoras, se põem em evidencia e embate relações de poder/saber.

De acordo com Woodward (2007) marcar a diferença é a componente chave em qualquer sistema de classificação. Essa marcação pode ocorrer tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. É a partir da forma como se organizam e se ordenam estes sistemas classificatórios que os significados se produzem e são partilhados. São eles quem dão ordem na vida social.

Nos diferentes processos de identificação e diferenciação que vão sendo produzidos, é aonde cada um vai aprendendo determinadas maneiras de observar,

julgar e narrar; Atribuir valores, determinar o 'certo' e o 'errado' e fazer escolhas; Aonde cada um vai se subjetivando. Subjetividade é aqui tratada como a construção de uma verdade de si mesmo que se constitui a partir de uma prática discursiva que é histórica e cultural e no qual o próprio sujeito contribui ativamente para produzir. Segundo Larrosa (1994, p. 52), é “a forma como as práticas pedagógicas constituem e mediam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma”.

À primeira vista, a ideia de indeterminação, instabilidade e negociação das identidades, transparece que somos possuidores de uma grande liberdade para julgar e fazer nossas próprias escolhas. Para Larrosa (1994, p. 72) “essas ações dependem de todo um campo de visibilidade, de enunciabilidade e de juízo”, ou seja, da forma como as coisas estão dispostas, do lugar do olhar, das condições históricas e práticas de possibilidade. São estas condições que vão construindo um sistema de critérios composto por códigos que vão produzindo uma rede geográfica de lugares e de contornos que vão servir de parâmetro para o sujeito dar sentido e valor, julgar e narrar.

Podemos dizer então que nossas ações são o resultado desses sistemas de critérios elaborados na própria cultura. Aquilo que a pessoa vê de si mesma quando se julga e quando se expressa nada mais é do que a aplicação desse campo criterioso que acaba por subjetivá-la, produzindo assim uma identidade. Segundo Hall (1997), a identidade está atravessada tanto pelos discursos públicos quanto pelas práticas e experiências dos sujeitos. Está articulada ao passado e ao presente, em estreita relação com a cultura e, portanto, em permanente construção.

E de que forma o clube União insere-se nestas discussões? Ao olhá-lo sob a ótica dos Estudos Culturais e das discussões até aqui realizadas vejo que ele funciona enquanto um dispositivo que **aciona** as identidades dos sujeitos. Esse acionamento aparece no momento em que os sujeitos são 'intimados' a apropriar-se de uma determinada identificação para frequentá-lo; adquirir comportamentos específicos, obedecer a regras e regulamentos, etc..

Podemos assim dizer, que sua existência acabou materializando um campo criterioso, produzindo, portanto, uma diferenciação. Não que '**o clube**' tenha produzido a diferença, pois ela já existia anterior a ele. Mas se ele impõe condições, é porque ele também (re) produziu um sistema que diferencia através de seus códigos e critérios de seleção. Ao mesmo tempo em que inclui 'os seus', exclui 'os outros' e inevitavelmente acaba afirmando identidades e marcando as diferenças.

Caracteriza-se, portanto, como um **potencializador** na afirmação das identidades e diferenças, visto que, para existir uma, a outra tem que ser produzida.

4.3 “Só podia entrar quem era do “pelo””. O exercício das relações de poder-saber

Inicio esta discussão motivada por uma frase que me marcou durante uma entrevista grupal em que lancei uma pergunta para quem quisesse respondê-la.

Entrevistadora- Havia alguma exigência ou restrição para frequentar o clube União?

Oswaldo- *Só tinha uma exigência, dias de baile, falando bem claro, só podia entrar quem era do "pelo", senão não entrava.*

Regina- *Claro, era o clube dos morenos...*

Oswaldo- *Era da raça mesmo...*

Oswaldo- *E se tivesse alguma pessoa ali que queria entrar, nós fazíamos uma reunião pra decidir, isso existia, me lembro...*

Neuza- *Eu lembro que não dançava moreno lá e nem branco aqui, e isso se seguiu por muito tempo. Depois que foram se relacionando mais né, quebrando aquela coisa de racismo... É isso que eu tenho pra contar, é o que eu mais me lembro.*

Ema- *Eu mesma lembro que uma vez eu vim aqui pra dançar, meu marido era moreno, e aí lembro que o finado Tidinho fez uma palestra e que abria exceção pra mim dançar... (Ema declarou sua cor como sendo 'mista')*

Entrevistadora- E a senhora se considera como?

Ema- *Eu me considero mista.*

A resposta dada por Oswaldo bem como as outras que vieram depois, levaram-me a analisar as relações de poder/saber que apareceram inerentes às falas. Oswaldo foi o primeiro a manifestar-se respondendo ‘claramente’ que “*só entrava no clube quem era do “pelo”*”. Logo em seguida, Regina justifica dizendo que era assim porque o clube era dos ‘morenos’.

Após ouvir estas afirmações fui consultar o estatuto do clube para saber se havia alguma referência mais específica aos negros. O que encontrei foi apenas o seguinte:

Cap. I- Da organização e seus fins:

Artigo 3º: O Clube Beneficente General Vargas é composto de número ilimitado de sócios, de pessoas de ambos os sexos, sem distinção de credos políticos ou religiosos e de origem de nacionalidade. (grifo nosso)

Verifica-se que no estatuto não há nenhum tipo de restrição à entrada de brancos, pois conforme ele não havia distinção de origem de nacionalidade. Mas já estava implícito entre os sócios que branco não podia entrar. Conforme a fala de Regina, brancos não eram aceitos assim como os negros não o eram no **outro**. Para entrarem deveriam ser submetidos a uma ‘avaliação’ pela diretoria. Da mesma forma eles disseram nunca terem sido barrados no clube dos brancos, mas já sabiam que não deveriam entrar:

Genésio: *Na minha época já nem íamos, não era pra entrá, já fomos criados pra isso... Só íamos no carnaval lá. (Entrevista grupal, 31/05/2012)*

Já Antônio, ex-sócio e um dos fundadores do clube, ao ser entrevistado individualmente, mostrou-se receoso e cheio de cuidados com o que tentava expressar.

Entrevistadora- Eram as mesmas pessoas que frequentavam o clube União e o clube dos brancos?

Antônio- *Qué que eu vou te dizer... Naquela época era diferente, tinha gente que não ia no União porque era clube de moreno e não ia no **outro** porque era clube de branco. Hoje não existe mais isso.*

Entrevistadora- Mas os brancos eram proibidos de entrar no clube União?

Antônio- *Não, na nossa época não.*

Entrevistadora- E no **outro** entrava moreno?

Antônio- *Olha, eu não ia, só que eu não me sentia bem lá, não sei eu não me criei no **outro**, me criei no clube União.*

Entrevistadora- Mas o senhor se considera ‘moreno’ ou branco?

Antônio- *Eu me considero moreno.*

Entrevistadora- Não era por isso que o senhor não se sentia bem lá?

Antônio- *Não, não era por isso não, é que...*

Entrevistadora- Qual era a diferença?

Antônio- *É que... Como é que eu vô te explicar... É que as coisas mudaram bastante né, as coisas mudam bastante, hoje em dia ninguém mais olha isso aí, mas antigamente olhavam. Bom, a cor dele não é branca é morena. Hoje não, hoje tu pagando entrada tu entra...*

Entrevistadora- Mas havia discriminação por parte do outro clube?

Antônio- *Não havia discriminação, só que eu não me sentia bem lá dentro.*

Entrevistadora- Mas porque a diferença entre se sentir bem em um e não no **outro**?

Antônio- *Eu me criei no clube União, nunca me disseram no outro clube “tu não pode entrá aqui”, mas eu não me sentia bem, só por isso.*
(Entrevista individual- 09/05/2012)

O simples fato de Antônio não se sentir bem no outro clube embora afirme não ter sofrido discriminação, e Genésio nunca ter sido barrado e dizer que já tinha sido criado para isso, parece num primeiro momento que ambos assimilaram desde cedo tais comportamentos, aceitando passivamente a proibição. Porém, pode ter se instituído um jogo da diferenciação que acaba sendo aceito pelos diferentes grupos, tornando seus espaços delimitados, assimilados e naturalizados, ou seja: “nós aqui, eles lá”.

Estas falas me remeteram a análise de duas questões: Representação e poder. Primeiramente a representação¹⁵ porque é a partir dela que ficamos atrelados a quadros de referências que instituem lugares para “nós” e os “outros”. As cadeias de representação é que vão fabricando a imagem de uma determinada identidade, atribuindo ‘defeitos e qualidades’ e instituindo seus lugares, produzindo assim, uma crença que adquire valor de saber e que acaba sendo tomada como verdade

¹⁵A representação neste campo teórico é definida como um sistema lingüístico e cultural que produz significados e atribui sentidos a algo ou alguém. Segundo Silva (2007) representar significa dizer: “essa é a identidade”. (p.91) Por ser um produto da própria linguagem, assim como esta, a representação é da mesma forma indeterminada, ambígua e estreitamente ligada às relações de poder.

intrínseca ao contexto de ambos os clubes. Ou seja: Um clube era para os negros e outro era para os brancos. Isto não precisava ser dito, pois já estava subjetivado entre a comunidade. Este entendimento me reportou novamente a Foucault (1986), quando fala da eficácia do poder, que através de sua maquinaria, faz funcionar suas regras espontaneamente sem que haja qualquer tipo de enfrentamento físico: “quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder” (FOUCAULT, 1986, p. 179).

Todavia, como que estes comportamentos disciplinares se instauram e passam a ser validados entre os sujeitos? Provavelmente o simples fato de saberem que seriam barrados e cuja penalidade de ‘transgressão à regra’ afetaria sua autoestima, acaba de certa forma inibindo à desobediência as normas que estavam postas socialmente e produzindo assim a ‘docilidade dos corpos’ (termo utilizado por Foucault).

Gallo (2004) explica que, assim como o poder imobiliza, impondo um funcionamento ideal, ele também inventa novas engrenagens e por isso não pode ser visto numa relação ativo-passivo no qual uns o exercem ativamente e outros sofrem passivamente. Esta relação seria a concepção “clássica” de poder denominada como *topológica* no qual Foucault considera incompleta, cujo poder se concentra em determinados lugares (*topói*) e inexistente em outros. Esta visão tratada numa perspectiva macroscópica define que para compreendê-lo é preciso tomar distância do fenômeno para percebê-lo na sua inteireza. Foucault busca uma nova genealogia do poder no qual denomina “*microfísica do poder*”. Nesta nova concepção, passa a investigar as relações de outro ponto de vista, analisando regiões que tradicionalmente eram deixadas de lado e percebendo o poder disseminado pela sociedade e não concentrado em *topóis* específicos. Nesta microfísica encontram-se outras reciprocidades e inter-relações que permitem falar apenas em poderes múltiplos e múltiplos contra poderes, mas nunca em poder e “não poder” como oposição.

A partir destes autores juntamente com a totalidade dos dados que temos aqui podemos identificar que os sujeitos não são meramente passivos ao se sujeitar e aceitar a proibição. Através do clube foi produzido um contra poder no momento em que este possibilita também aos sócios o poder de exercê-lo: no momento em que passam a decidir quem pode entrar, ou quem deve sair, ou quem se portou mal,

que comportamentos serão aceitos e quais serão considerados inaceitáveis, entre outros. Segundo Larrosa (1994)

As pessoas são induzidas a julgar-se com vistas a uma certa administração, governo e transformação de si. A pessoa tem que fazer algo consigo mesma em relação à lei, à norma, ao valor. E isso, uma ação, um fazer que afeta algo, um afetar, é justamente a definição foucaultiana de poder. O poder é uma ação que modifica as ações possíveis, estabelecendo com elas uma superfície de contato ou, as vezes, capturando-as a partir de dentro e dirigindo-as, impulsionando-as, seja contendo-as, ativando-as ou desativando-as. (LARROSA, 1994, p. 72)

Entende-se a partir daí que o clube União produziu uma **reação** ao poder. A proibição existente e subjetivada gerou uma reação no grupo a fim de que o exercício de poder não ficasse concentrada apenas aos 'brancos' e que apenas eles ditassem as regras e normas.

Após estes relatos, fiz o seguinte questionamento ao grupo:

Entrevistadora- Quando o branco era barrado aqui vocês consideravam isso um ato de racismo ou não?

- *Ah nós não aceitava eles aqui porque eles não aceitavam nós lá também.*
- *Eles não queriam nós lá então nós não podia aceitar eles aqui.*
- *Nós não mandava nada quem mandava era o finado "Tidinho".*
- *[...] Aí era uma ordem mesmo...*

Aqui prevalece novamente a busca de igualdade no exercício do poder. Segundo Foucault "o que faz com que o poder seja aceito e se mantenha é simplesmente que ele não pesa só como uma forma que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso" (FOUCAULT, 1979, p. 45). Observemos as narrativas abaixo:

Guiomar: - *Minha avó dizia: O que branco quer com preto?! Branco quer o preto pra depois deixar na sarjeta... Então a gente já se criou com aquela coisa de medo de namorar branco... Uma vez eu namorei um branco e tomei uma 'tunda' da minha mãe, apanhei, não podia nem tirar o casaco porque a vara ficou toda nos meus braços... porque eu fui namorar um branco...*

Guiomar: *Eu fui castigada uma vez... um branco me olhou e eu já me 'faceriei' pra*

ele... E tinha a (fulana) que era diretora das moças que não respeitavam, eram meio sem modos e botava a gente pro quartinho... não me deixaram dançar com ele...eu lembro..

(Entrevista grupal, 31/05/2012)

Notamos na fala de Guiomar que o ensinamento da avó era de que o branco era alguém que apenas queria tirar proveito dela e por isso era proibida de namorá-lo. Para a avó o branco era um problema, mas observando a maneira com que Guiomar narrava essas histórias deixava nítido seu orgulho em exercer esse ‘poder’ de atração aos brancos, que só não casou com um branco, devido à repressão sofrida por ela:

Guiomar: *Tinha um lá que dizia: - “Vamos pros morenos, vamos pros morenos, tem uma morena lá que Deus o livre”... e era eu né (riso). E eu não era tão preta [...] e ele era noivo... depois quando eu casei a mulher dele foi morar perto de mim e aí um dia ela foi me visitar e disse assim: -Bah, tu quase me tirou o J.A...se eu perdia ele, ele tava lá no clube dos morenos... (Entrevista grupal 31/05/2012)*

Observei também nestas narrativas, a reprodução de um discurso oposto, ao que eu, enquanto ‘branca’, escutava sobre o negro. O que eu ouvia era exatamente este mesmo discurso, com conotações segregacionistas e discriminatórias que aqui apareceram invertidas e que me causaram surpresa ao ouvi-lo num outro contexto. Esta percepção pode ser fruto daquilo que Gadelha Costa (2007), coloca como ‘estratificação’ das coisas:

”estado de coisas com contornos e significações definidos, segmentaridades duras, territorialidades constituídas, representações atualizadas, em suma, todo um relevo, uma geografia, visível e dizível, referentes a um determinado plano ou realidade que habitamos. (GADELHA COSTA, 2007, p. 16)”.

A sociedade como um todo está acostumada a ver os negros na posição de discriminados. Aqui o papel se inverte, alterando assim a ordem do saber, pois para evitar a aproximação entre brancos e negros se fez necessário utilizar o mesmo recurso, ou seja, negatar a imagem do branco e produzir o medo. O ensinamento de não submeter-se ao branco, pode ser visto como uma forma de resistência, evidenciando aí, o quanto o poder/saber é um campo móvel de correlações de força e o quanto ele circula e funciona em rede não sendo proveniente de um foco único.

Para Foucault, a dualidade dominador-dominado é insuficiente para descrever

a relação de poder. Segundo ele, “o poder não emana do dominador, mas está na base tanto do dominador quanto do dominado” (GALLO, 2004, p. 90). Sua intensidade varia em tempos e lugares e sua distribuição acontece de forma irregular, caracterizando-se, portanto, como uma rede composta por inúmeros nós de poder e resistência. Aqui podemos ver um foco de resistência ao poder, através da tentativa de sobrepor um discurso instituindo outra ‘verdade’ sobre o branco.

Vimos através dos relatos aqui apresentados que o poder é algo que todos os indivíduos exercem e sofrem, não existindo relações de pura coerção ou de pura aceitação. Deste modo, o clube pode ser considerado também como uma potencialidade local onde se exercem e se disputam relações de poder, pois segundo Silva (2007) as marcas da presença do poder se identificam exatamente nestes processos: incluir/excluir; demarcar fronteiras; classificar e normalizar.

4.4 “Eu sou morena”: A ambiguidade dos discursos de cor

Atualmente estamos vivenciando nos campos sociais, culturais e políticos uma grande disputa em relação aos discursos do afro-descendência. Novos significados e novos valores sobre a cultura e identidade negra estão sendo construídos na sociedade brasileira, buscando uma reversão dos discursos instituídos e estereotipados que até então eram considerados ‘verdadeiros’. Neste ‘contra discurso’ que vem sendo disputado e negociado, prevalece à necessidade de desconstruir ideias negativas e depreciativas que foram dispostas pelos sistemas de representação e assimiladas tanto por brancos quanto por negros.

Um embate que vem sendo travado no dia a dia é o próprio sentido que o termo ‘negro’ adquiriu na sociedade e que vem dando margem a amplas discussões entre o movimento negro e a mídia em geral.

Trago esta discussão como uma categoria de análise devido a uma demanda que foi gerada durante a própria pesquisa, considerando também que foi a primeira ‘pedra’ na qual esbarrei. Nesta categoria analiso mais especificamente o discurso de cor empreendido/apropriado pelos meus entrevistados.

A primeira entrevista que realizei ainda em 2010 foi com Dona Adília que alguns dias depois faleceu. Quando fui avisada por Joel que havia uma moradora

negra de São Vicente do Sul com 102 anos de idade que tinha se disponibilizado a dar-me uma entrevista fiquei muito empolgada. Seria um “achado”, pois certamente ela teria muito a contribuir. Na minha aventura de pesquisadora de primeira viagem elaborei um enorme roteiro para que ela pudesse me contar histórias de racismo, preconceito e segredos, que deveriam estar há muito tempo guardado por ela e que seriam enfim revelados...

Fui com muita expectativa para conhecê-la e ouvi-la. Logo que cheguei percebi que sua audição já não era das melhores bem como sua memória já estava muita enfraquecida. Mas logo após nossa apresentação fui pegando minha folha com as inúmeras perguntas que tinham sido elaboradas (e que hoje me envergonho pela forma pretensiosa com que as elaborei, bem como dos pré-julgamentos que elas continham (Anexo A)).

Para minha total decepção ao lhe fazer a primeira pergunta: - Qual a sua cor? Para minha surpresa, ela, pensativa, hesitou e respondeu:

Adília-*“Eu... eu sou morena”*.

Sua resposta me desestabilizou totalmente, pois esperava que a mesma dissesse que era negra. Repeti novamente a pergunta acreditando que ela não estivesse me ouvindo direito... Gesticulei passando a mão no meu braço e repeti: - Qual a sua cor? E a resposta se repetiu. As outras perguntas que eu tinha elaborado perderam o sentido de serem feitas, pois foram pensadas a partir da primeira resposta, que não veio. A situação me causou total desconforto e percebi que algo estava errado... Mas o que estaria errado? O fato de ela dizer que era morena ou de eu achar que ela deveria ter dito que era negra? Segundo Schwarcz (2001)

“a identificação racial é muitas vezes uma questão relacional no Brasil: varia de indivíduo para indivíduo, depende do lugar, do tempo e do próprio observador. Quanto mais claro é aquele que pergunta mais “escura” pode ser a resposta, e vice-versa. O mesmo entrevistado alterará sua formulação tendo em mente a pessoa - a cor e a posição social e cultural - que faz a pergunta. [...] trata-se de certo “uso social” da cor que faz com que não só a terminologia mostre-se subjetiva, mas seu uso seja- em conversas, em documentos oficiais- objeto de disputa (SCHWARCZ, 2001, p. 72-73).”.

Ao assistir novamente a entrevista, percebi que D. Adília assim como sua sobrinha Maria Amália que acompanhava a entrevista, provavelmente teriam me considerado uma ‘estranha’, pois sabiam apenas que eu era professora do Instituto,

amiga de Joel e que estava fazendo uma pesquisa. O que de certa forma ‘quebrava o gelo’ era a presença de Joel, já conhecido das duas. Após D. Adília, entrevistei também D. Amália que da mesma forma, declarou-se ‘morena’.

Ouvi essa mesma resposta de outros entrevistados e percebi que havia muita variação quanto à classificação de cor. Frequentemente me deparava com um cenário ambíguo com os mesmos sujeitos ora declarando-se morenos, ora negros e dizendo-se orgulhosos de sua cor:

-“Meu pai não era negro, negro...”.

-“Tinha branco, tinha moreno como eu... assim da minha cor...”.

- “Sou negro, com muito orgulho...”.

- “Eu sou mista...”.

Conforme argumenta Sheriff (2001, p. 226), “a ambiguidade que rodeia palavras como moreno é resultado do fato de que a cor é discursivamente constituída tanto em termos referenciais quanto pragmáticos”. É criado um jogo de relações onde se convencionam normas e regras que determinam quem pode, em que circunstâncias e como podem ser chamados de negros. Encontrar uma linguagem “neutra” para fazer referência às identidades de raça/cor nos parece uma tarefa quase impossível, visto que sua terminologia adquire significados diferenciados dependendo do contexto em que se fala, de quem fala e de que forma se fala. Isso significa dizer que os significados raciais e de cor que são construídos em contextos múltiplos e mutáveis.

Lancaster (1991) ao fazer uma análise sobre a etnografia de raça, cor e racismo na Nicarágua e em outros países da América Latina observa 3 sistemas diferentes quanto ao uso de termos relativos à raça/cor: “sistema fenotípico” (o mesmo que Sheriff denomina de discurso de descrição); “Sistema educado”, equivalente a descrição de uma etiqueta em que se evita qualquer referência à negritude; E o terceiro sistema, denominado “uso pejorativo e/ou afetivo”, que utiliza termos como negro nos estilos de discurso inicial ou pragmático.

Os autores apontam que existe um “jogo” com algumas normas e regras determinantes que permitem em determinados momentos e situações, que pessoas

“não brancas” sejam chamadas de negras: Em relações de intimidade, de confiança, carinho ou brincadeira. Conforme pesquisa de Sheriff (2001)

“o peso da palavra negro sempre foi mais do que descritivo ou “taxonômico”. Mesmo na época colonial, a palavra era tão forte que a Coroa portuguesa, em 1775, procurou restringir seu uso através de uma lei que proibia chamar os ameríndios do Grão Pará e do Maranhão de negros, e nem eles próprios (índios) poderiam usar este epíteto entre si, pois o uso deste cognome podia desafiar, atacar e ferir. O termo “negro” podia ser usado para descrever não só uma determinada cor, mas também para referir-se de forma mais geral, aos não brancos com status servil (...). E, se usado para os índios, poderia induzir neles a crença de que haviam sido destinados a serem escravos dos brancos. (SHERIFF, 2001, p.217)”.

Novamente aqui se repete o discurso negativado sobre o negro que além das características físicas lhe atribui características comportamentais. O fato de estar proibido usar o termo ‘negro’ para os índios demonstra que havia a consciência de que os significados atrelados a esta palavra, se instauram e se validam, passando a ser tomados como verdade.

Atualmente na sociedade, existem muitas tentativas de suavizar ou amenizar algumas expressões consideradas desvalorizadoras para designar as minorias, entre elas o “negro”, o “deficiente”, o “cego”, entre outras. Alguns autores problematizam até que ponto é válido ou não alterar as denominações linguísticas ao fazer referência ao negro e até que ponto a linguagem interfere na produção da realidade e nas representações sobre ele.

Semprini (1999) faz referência a um programa “positivo” de “purificação” da língua, designado de “PC” (politicamente correto), que quer acrescentar ao idioma, expressões e termos novos a fim de valorizar diferentes indivíduos ou grupos sociais que são ignorados pela atitude monocultural dos grupos dominantes, e também pela linguagem que não prevê termos para designá-los de maneira específica ou aceitável. Este programa tem como preocupação essencial evitar que a sensibilidade e autoestima destes, possam ser ofendidas, por conversas, atitudes ou comportamentos inconvenientes. Isto por sua vez, poderia induzir ou reforçar na pessoa uma visão desvalorizada, contribuindo para a perpetuação de uma condição inferior inaceitável. O programa ‘PC’ também visa substituir expressões desvalorizadoras por termos considerados “politicamente corretos”, ou seja, expressões pejorativas por outras menos conotativas, neutras e descritivas. Passa a ser criado um “patrulhamento linguístico” e com ele a crítica à seus excessos.

Segundo o mesmo autor, a linguagem contribui para a produção da realidade, modelando a percepção que uma sociedade tem de si mesma e dos grupos que a compõe. A alteração de uma palavra pode influenciar a cognição das personagens para outras direções. Mas de nada adianta mudar as palavras se as representações continuam as mesmas. Esse é o problema do 'PC'. Embora acredite que as palavras produzem a realidade, faz isso de uma maneira "travestida", ou seja, permanece em um nível "semântico", não no nível discursivo, entendido como prática social que cria a realidade.

Assim sendo, é impossível reduzir uma palavra a sua dimensão de enunciado¹⁶ puro, pois sua significação realiza-se num emaranhado de condições e condicionamentos cuja dimensão semântica, não representa apenas um aspecto. Desta forma, torna-se uma semântica vazia, que apenas substitui palavras para continuar mantendo as mesmas representações sobre raça, gênero, deficiência, classe, etc...

Entende-se desta maneira, o quanto é ineficaz os procedimentos do 'PC' ao tentar a substituição de determinados termos por outros, sem levar em conta a heterogeneidade das condições de recepção dos destinatários bem como, as diversas interpretações existentes para um "mesmo" enunciado. O que seria uma tentativa de desconstruir a "objetividade" linguística dominante acaba nutrindo o objeto de sua crítica, devido à convicção da existência de uma semântica pura, desconsiderando a contingência enunciativa da linguagem, bem como dos horizontes interpretativos dos indivíduos, suas diferenças e historicidades.

No seu estudo sobre estilos de interpretação e a retórica das categorias sociais, Crapanzano (2001), sugere que para um estudo sobre diferentes sistemas de interpretação em termos de raça, classe, gênero e Etnicidade,

"seria mais proveitoso começar com compromissos e confrontações interpretativas no intuito de determinar as condições pragmáticas por meio das quais essas próprias categorias são definidas e aplicadas. Ou seja: descobrir a maneira como estes termos emergem destas confrontações e como funcionam retórica e politicamente (CRAPANZANO, 2001, p. 447)".

Ao buscarmos definições para estes termos estamos sustentando um compromisso interpretativo na medida em que tentamos correlacionar atitudes,

¹⁶Aqui entendido, conforme Semprini (1999, p. 72), como o resultado de um processo enunciativo que coloca em jogo um sistema de personagens: o os que enunciam (os emissores), os que recebem o enunciado (os receptores), e os que se encontram "ao alcance da recepção".

valores e visões de mundo específicas de cada um destes, criando um “rótulo” homogeneizador para estas categorias. Esta busca pelo reconhecimento e denominação do “outro” faz com que não seja preciso reagir ao desafio que ele lança à sua maneira de ver e entender o mundo. De acordo com o autor referido, é preciso repensar as próprias categorias que tendem a localização e à homogeneização - “brasileiro”, “americano”, “carioca”, e reconhecer seu papel retórico no nosso mundo em transição. “É no plano da pragmática -do jogo retórico- que o poder se introduz na classificação” (CRAPANZANO, 2001, p. 446).

Em estudos realizados com pessoas negras do morro carioca, Sheriff (2001) relata que a palavra “Negro” articula e encarna associações muito mais ligadas às qualidades morais negativas e dimensões indiciais associadas a ela do que propriamente à cor. E que em certos contextos é o equivalente linguístico do ato de espancar alguém. Neste sentido, um dos motivos do desconforto em declarar-se negro pode ser atribuído ao processo histórico de um discurso racista que deixou marcas profundas e que continua entranhado no tecido social através de estratégias discursivas e seus enunciados, que produzem representações positivas sobre o branco, e negativas sobre o negro.

Neste sentido, compreende-se a ligação existente entre as relações de poder e os discursos de representação que, ao reproduzir cotidianamente um tipo de representação do negro, esta se materializa nas práticas discursivas¹⁷ da sociedade como um todo, interferindo na construção de sua autoimagem, fazendo com que eles próprios sejam produzidos e inventados por esta representação.

O discurso torna-se então como um produtor da cultura sobre o qual se exercem múltiplas operações de solidificação e controle, adquirindo assim, uma produtividade quase infinita, ou seja: está atravessado pelo poder. Souza (2005) explica que se o discurso é um meio de instauração do poder, ao mesmo tempo em que sua reprodução pode promover sua cristalização, a sua desautorização ou o seu rompimento, evidencia o desejo de ter acesso às instâncias de poder, (re) constituindo-se a partir de deslocamentos e resistência.

É visto a constante preocupação existente na sociedade brasileira em definir quem é negro e quem não é. O recurso comumente utilizado para esta identificação é a partir das características fenotípicas tais como cor da pele, cabelos

¹⁷ Práticas sociais organizadas em relações de desigualdade, de poder e de controle.

encaracolados, lábios e nariz grossos. Sabemos que tais declarações causam situações adversas, sendo motivo de orgulho para uns, de vergonha para outros ou simplesmente de pura indecisão devido à falta de referências/informações mais concretas. Entretanto, não se pode negar que existem sim interferências diretas que influenciam na autodeclaração de cada um, e que estão ligadas a fatores culturais, sociais e/ou políticos. Assim podemos dizer que o negro não nega ou afirma sua cor, mas utiliza-se de uma destas conforme possibilidades de negociação.

Embora se diga que o brasileiro possui uma grande liberdade na maneira de se definir e se descrever a si mesmo, percebemos que existe um aprisionamento cultural, social e o significado político de cor é fortemente articulado.

Como conseguir identificação com termos que nos depreciam? Assumindo a “veracidade” dos significados depreciativos e colocando-nos como exceção obcecada pela brancura e pelo branqueamento? Ou contestando sua pertinência e construindo uma identidade que resiste e reconstitui os significados cristalizados? (SOUZA, 2005, p. 135)

Na citação acima ficam evidentes as angústias morais enfrentadas por aqueles que se caracterizam como negros. E é na tentativa de dar um fim nesta angústia que o movimento negro luta para dar um novo sentido para o ‘ser negro’, que vá além das características físicas. Segundo Souza (2005, p. 135): “Negro passa a significar disposição para a luta pela vida e para atuação nos vários setores de poder”.

Para os meus entrevistados não necessariamente fazia sentido adotar esse discurso de valorização da negritude como também não era meu objetivo desejar que eles se posicionassem ‘politicamente’ como negros. Todavia, se esse ‘novo’ significado não faz sentido para o sujeito, se não o despertá-lo enquanto negro no sentido político da palavra, ele continuará se declarando moreno, branco, misturado, enriquecendo a ‘aquarela de cores’ do Brasil que de acordo com Schwarcz (2001) já contém 136 cores diferentes. “Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos” (WOODWARD, 2007, p. 55).

Entende-se desta forma, que a luta empreendida para libertar-se do significado de ‘ser negro’ apenas enquanto cor da pele e características fenotípicas, busca ao mesmo tempo assegurar espaços de atuação do negro nos setores instituídos de poder através de uma maior participação e visibilidade social e

cultural. Propõe uma nova reelaboração de sistemas de valores e hierarquias, forçando a revisão de conceitos e fatos históricos no universo dos meios institucionais.

Para Semprini (1999, p. 33) isso exigiria uma transformação social que implicaria “reestruturação dos equilíbrios e posições, das identidades e representações”. Ao fazer isso, os discursos do movimento negro também instituem hierarquias e prescrições, pois também estão enredados em relações de poder que querem governar o que denominam como negro e democrático. Torna-se perceptível as relações de poder existente nesta “política identitária”, na medida em que disputam locais e posições sociais, criando um embate discursivo através de tentativas de evitar ou dominar a palavra negro, de apropriar-se ou reapropriar-se do seu poder profundo e difuso.

Reconhecemos que nenhum discurso está isento ou livre de relações de poder. Não existe opção entre liberdade e opressão, mas combinações das duas. Neste sentido concordo com Cuche (1999), quando diz que deveríamos economizar energia para tentar definir quem são os negros, mas sim buscar entender o que significa recorrer às diferentes identificações, ou seja: “Como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?” (CUCHE, 1999, p. 202)

4.5 Pedagogia da racialização: “Tem que ser surdo, mudo e cego pra não ver”.

No decorrer da pesquisa fui recolhendo algumas frases ditas pelos entrevistados que adquiriram para mim uma conotação racista e preconceituosa, mas que para alguns entrevistados pareciam estar ‘normalizadas’. Provavelmente o incômodo que eu tive com as mesmas, foi devido eu também acreditar na existência de “raças” hierarquizadas dentro da espécie humana. Apesar de sabermos que cientificamente ‘raça’ é baseada numa ideia biológica errônea, politicamente e socialmente ainda é uma categoria eficaz de dominação e exclusão, embora se reconheça que está sujeita a um constante processo de mudança e transformação.

Ao questionar Joel sobre o fato das pessoas não sentirem-se incomodadas com aquilo que eu considerava racismo, no qual ele respondeu-me o seguinte:

Joel- *Eu te disse que não ia encontrar pessoas que se assumissem negras, que assumissem que sofreram preconceito.*

Entrevistadora- E qual o motivo desta resistência?

Joel: *Porque elas achavam que era normal, que aquilo fazia parte delas, ser doméstica, chamar de negrinha, era como se fosse um tratamento carinhoso...*

A espontaneidade e o bom humor que as frases eram ditas me desconcertavam:

(1) *“Quando um homem negro dançava com uma branca, diziam: Olha a mosca no leite!”.*

(2) *“Quando os negros entravam no clube dos brancos, os brancos ficavam se abanando...”.*

(3) *“Nós não fomos vítimas, mas estamos sentindo que o pessoal aqui...”.*

(4) *“Coisa triste aquela negrada suando e fedendo a extrato Aras...”.*

(5) *Eu lembro que antigamente quando nós íamos lá eles só ficavam olhando pra gente, nem se mexiam das cadeiras, e a finada (fulana de tal)... ficava se abanando e dizia :“Ai não aguento mais o bafo desses negro”.*

Nas frases acima identifiquei diversas referências pejorativas e degradantes em relação ao negro. Na primeira frase ele é comparado a uma mosca, inseto que possui estreita relação com a sujeira, com lixo e com a podridão. Já o leite que é comparado na frase com a mulher branca, representa a pureza. A referência ao mau cheiro também aparece com frequência. Podemos considerar tais frases como construções narrativas que foram produzindo e constituindo os sujeitos, imprimindo uma lógica temporal às suas sensações, percepções, vivências e recordações.

Outra história contada por Genésio foi a de um carro Galaxy que pertencia a um dos antigos presidentes e que era apelidado de “navio negreiro”, pois nele só entrava ‘pretos’. Estas histórias eram contadas com naturalidade entre risos e descontração. O tema racismo não aparecia como elemento central nas narrativas surgindo ocasionalmente e indiretamente.

Numa análise inicial tratei estes comportamentos como se a inferioridade e a discriminação já haviam sido naturalizadas por eles. Escrevi artigos, publiquei-os e defendi essa possibilidade.

Ao repensar novamente sobre elas, pensei em voltar aos entrevistados com esse agrupamento de frases e questioná-los novamente a respeito. Mas considerei que isso poderia forjar uma resposta, e então refutei essa possibilidade. Hoje já com muito mais dados e leituras, não vejo que esta possa ser a única explicação plausível. E essa é a grande diferença de estar inserida no campo teórico dos E.C., pois nos permite ver as coisas de diferentes formas e de diferentes pontos de vista. Aquilo que era já pode não ser mais, mas pode voltar a ser novamente, ou ser algo totalmente diferente do que pensávamos que pudesse ser.

Levando em consideração a totalidade dos dados, as atitudes de indiferença também podem ser consideradas como uma forma utilizada pelo grupo de gerir os conflitos existentes, e que devido à impossibilidade de construir uma ordem diferente, a alternativa foi ironizar: “Quando não conseguimos mudar o governante nós o satirizamos” (CANCLINI, 2008, p.349). Essa ironia pode ser entendida como uma estratégia de resistência. Digo que ‘podem ser consideradas’ pois aprendi com as experiências adquiridas na própria pesquisa a não ser presunçosa novamente a ponto de afirmar que ‘seja’.

Numa entrevista anterior, Genésio disse o seguinte:

-“Racismo existe e sempre vai existir. Meu pai sempre dizia que se tem que ser surdo, mudo e cego pra não ver”. (Entrevista individual)

Esta frase pode ser também compreendida como uma atitude de negociação que faz com que o negro não negue ou afirme sofrer racismo, mas utiliza uma destas opções como estratégia de resistência para se opuser-negar o discurso que coloca sempre o negro em posição de ‘oprimido’ e inferiorizado. Possivelmente não era esta a imagem que eles estavam querendo perpetuar/fixar perante a comunidade de São Vicente do Sul. Para Souza (2005),

O processo de “aceitação” dos discursos e da posição de subordinados precedem a alterações nos modelos que lhes foram impostos e podem mesmo elaborar contradiscursos, que abalam o status de “verdade” e a força das representações discursivas antes propostas (SOUZA, 2005, p. 59).

Persisto nesta ideia de resistência, pois no decorrer da pesquisa, a partir das entrevistas e da materialidade dos dados, fui percebendo que as perguntas que eu fazia a mim mesma: - *Mas por que eles não enxergam isso? Por que eles não*

*assumem terem sido vítimas do racismo? - tiveram de ser substituída por outra: Por que **eu** vejo desta forma?*

Certamente tentar respondê-la me saiu muito mais cara e dolorosa...

Para explicar as bases que encontrei para respondê-la trago logo abaixo a imagem de uma fotografia cedida por um morador que entrou em contato dizendo que possuía uma fotografia 'histórica' da primeira rainha do clube me dando todos os direitos de publicá-la.



Figura 4 - Primeira rainha adulta do Clube União Beneficente- Carilde dos Santos e a rainha infantil Luiza da Silva (data imprecisa)

Fonte: Acervo pessoal do Sr. João Francisco Mesquita da Rosa

Ao observá-la senti certo 'estranhamento' diante da imagem ao ver uma rainha negra coroada, sentada num trono, dando a impressão de estar sendo 'reverenciada' por um casal de brancos, que segundo o Sr. João (proprietário da

fotografia), a mulher branca ao lado, seria a rainha do clube dos brancos e o homem seria o presidente do mesmo. Uma imagem que podemos considerar ‘incomum’ pois difere daquelas que vimos por muito tempo nos livros didáticos, nas obras de arte, no cinema e nas novelas em geral; Que quebra os estereótipos de beleza valorizados até então pela sociedade branca e desconstrói mais uma vez nossas representações sobre o negro: de inferioridade e submissão ao branco.

Devido à reação que esta imagem me causou, reforçou-se mais uma vez a ideia de resistência, pois dentro do contexto dos dados, toda a construção de ideias e valores que havia sido criado até então sobre o negro, se desfazia no clube União.

Segundo Kaercher (2010) a complexidade das relações raciais construída na nossa sociedade com base no processo de escravização do negro criou tanto no escravizado quanto no escravocrata, representações sociais e experiências de subalternidade e domínio, produzindo um engessamento de lugares de negros e brancos, bem como uma hegemonia dos valores de uma cultura branca. Percebemos a partir da imagem, o quanto a ‘pedagogia da racialização’ atua tanto em brancos quanto em negros. Mas que regras são essas? Que práticas efetivas são essas que moldam, conformam e definem a hegemonia de uma “branquidade” ou de uma “negritude”? Conforme a autora,

A pedagogia da racialização educa homens e mulheres inserindo-os em um modelo desejável: há um modelo de branquidade e um modelo de negritude, demarcando um mundo de significações e representações, que em muitos casos pode (para brancos) ou não pode (para negros) ser conquistado (KAERCHER, 2010, p. 90).

Segundo a autora, a racialização possui objetivo e fins definidos, nos quais são implementados metódica e regularmente de forma intencional, através de discursos e práticas que dão sentido e significado ao conceito de raça e cor, promovendo assim, a hierarquização e implementação de desigualdades. Esta pedagogia opera nas representações presentes nos mais diversos produtos culturais, educando para um determinado modo de “fazer ser” branco ou negro.

Esta pedagogia que se implementou na sociedade também pode ser vista como consequência da forma como somos regulados *pela* e *através* da cultura conforme argumenta Hall (1997). Todas nossas ações, atitudes, comportamentos que de certa forma fazemos inconscientemente foram guiados por um conjunto de normas e conhecimentos culturais. Se algo é tratado como ‘natural’ é por que já foi

sedimentado e regulamentado como ‘certo’. Isto é o que o autor caracteriza como ‘regulação normativa através da cultura’: “Toda nossa conduta e todas nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais” (HALL, 1997, p. 20).

A imagem aparece aqui como uma ruptura de tais normas regulamentadas que contraria o que as instituições culturais fabricavam/fabricam¹⁸: o que vemos na TV, o que ouvimos no rádio, o que lemos nos livros, nas revistas, etc. Talvez aí possamos entender o ‘desconforto’ com a mesma. As imagens de mulheres negras que foram institucionalizadas e sedimentadas em nossa cultura foram sempre em situações de subalternidade ao branco, como empregadas domésticas, admiradoras, mas jamais admiradas pelos brancos. Compreende-se desta forma a importância de quem regula a cultura, pois se é ela que ordena o mundo criando significados e valores comuns a todos. É preciso forjar condutas, influenciar e moldar ações para ‘manter a ordem’: Para Hall (1997)

É por esse motivo que as fronteiras de regulação cultural são um instrumento tão poderoso para definir “quem pertence (isto é, quem faz as coisas da mesma forma que nós, conforme nossas normas e conceitos) e que é um “outro”, diferente, fora dos limites discursivos e normativos e nosso modo particular de fazer as coisas (HALL, 1997, p. 34)”.

Revela-se aí um dos motivos das disputas conflitantes pela imposição de significados realizada pelo movimento negro¹⁹ através das ações afirmativas, em busca de uma nova reestruturação social, alterando imagens e lugares sociais instituídos aos negros. De acordo com Garcia Canclini (2009), apesar de acreditarmos na capacidade criativa e reativa dos sujeitos em não aceitar passivamente tais manipulações políticas, sociais e midiáticas, a possibilidade de se tornar sujeitos críticos também depende de direitos coletivos e controles sociais sobre a produção e circulação de informações e entretenimento. A incorporação simbólica de ‘novos espaços de visibilidade’ pode ser que esteja sendo

¹⁸ Utilizei o verbo *fabricar* tanto no presente quanto no passado por considerar que apesar das tentativas dos militantes do movimento negro de mudar as imagens inferiorizantes do negro, estas ainda persistem em diversos meios e espaços, bem como subjetivadas nos sujeitos.

¹⁹ Expressão que não se refere apenas a uma entidade ou grupo, mas segundo explicação do Jornal do MNU ao “conjunto de iniciativas de resistência e de produção cultural e de ação política explícita de combate ao racismo que se manifesta por via de uma multiplicidade de organização em diferentes instancias de atuação, com diferentes linguagens, por via de uma multiplicidade de organização espalhadas pelo país” (Jornal do MNU n. 18, p.6 apud SOUZA, 2005, p. 14).

cuidadosamente regulada e segregada, sem modificar significativamente a distribuição de espaços e de poder nos setores privilegiados.

A partir destes enfrentamentos que tive comigo mesma, senti a eficácia da pedagogia da racialização que naturaliza o racismo em cada um de nós e então passei a reconhecer o quanto havia de sabedoria nas palavras do pai de Genésio quando lhe dizia que para não ver o racismo “tem que ser surdo, mudo e cego”.

4.6 Hibridismo

Ao direcionar esta pesquisa mais especificamente para o clube União e as pedagogias por ele produzidas, devo reconhecer que entre meus objetivos, estava o de encontrar algo que pudesse ser explorado de forma mais particular e consistente, em relação à arte. Com este intuito, elaborei algumas perguntas mais diretas para as entrevistas, procurei estimular os entrevistados para falar dos bailes, das músicas, das roupas e decorações. Analisei as fotografias, comentei-as com o grupo, na esperança que aparecesse algo indicando uma predisposição ou uma preferência específica a um estilo determinado.

O que pude constatar foi de que, as manifestações artísticas vivenciadas no clube eram as mais variadas possíveis. Não havia preocupação em estarem atreladas a um *slogan* da cultura negra ou determinadas por um modelo cultural obrigatório que tivesse que ser seguido.

O objetivo ali era proporcionar aos sócios o maior número de atividades de lazer e diversão, sejam através de jogos (tais como bingos, bocha, ping-pong, etc.) bailes gaúchos, festas de São João, carnaval e outras. Misturavam-se ritmos musicais, tanto em termos de dança quanto de música, prescindindo de qualquer ideia de ‘pureza’.

Entrevistadora- Qual a atividade que o pessoal mais gostava no clube na sua época?

João- *As boates, no tempo da discoteca, tava dando esses dias na televisão, Dancing Days daquelas danças, anos 80, um tipo de música diferente, música lenta, hoje em dia as boates tem aquele bum, bum, bum dá um estouro né... Era as mais frequentadas então o pessoal gostava de ir mais nas boates.*

Entrevistadora- E tinha bailes gaúchos?

João- *Sim, tinha os bailes gaúchos.*

Entrevistadora- -Mas as pessoas frequentavam esses bailes gaúchos?

João- *Era o pessoal de mais idade, porque a juventude só dava boate...*

Américo- *Era de todo tipo de música... Era bem variado... Nunca teve certo tipo de dança...*

Em relação aos eventos:

- Carnaval, essas coisas assim, o pessoal se organizava bastante, tinham blocos... Tinha um saxofonista que tocava música ao vivo, e gaita e... No geral todos os bailes eram bem frequentados..., não só o carnaval.

Irani: *Havia festas e bailes todos os finais de semana com som mecânico. Não havia eventos com música ao vivo. Tinha todos os estilos musicais. Ma o carnaval era muito popular.*

Entrevistadora- Que tipos de músicas tocavam? Quais eram os ritmos?

Guiomar e Tunico- *Valsa, samba e boleros... Mazurca, chamamé, de vez em quando um vanerão.*

A primeira vista, quando meu objetivo ainda era encontrar uma ‘essência’ cultural e artística no clube me pareceu que a gaita, a dança gaúcha, o *Dancing Days* às quais os entrevistados fizeram referência, não estava no seu ‘espaço cultural e identitário comum’. A experiência artística vivenciada no clube não se apresentava a partir de ritmos específicos, costumes e práticas fixas, mas sim como experiências dinâmicas.

A variedade tanto artística quanto cultural que circulava no local trouxe a necessidade de problematizar neste capítulo algumas questões relativas ao hibridismo cultural e artístico que atravessam os inúmeros ‘locais pedagógicos’, que segundo Steinberg (1997) são aqueles onde o poder se organiza e se exercita.

Já é sabido que a arte assim como a cultura e também a educação, não se legitimam apenas em seus lugares habituais já consagrados tais como escolas, museus, galerias, bibliotecas. Lugares estes que simbolicamente sempre foram garantia de ‘validade’ e autenticidade (devido suas formas de organizações hierárquicas, classificatórias e especializadas). Diversos outros locais sociais produzem práticas pedagógicas culturais. No caso específico desta pesquisa o próprio clube União caracteriza-se como um local pedagógico.

Ao tentar reconhecer e descobrir o que o clube produziu em termos de arte considere que não poderia tratá-la como uma unidade estanque cuja análise estivesse compartimentada apenas para suas propriedades formais, elementos estilísticos, conteúdos simbólicos, entre outros.

De acordo com Gonçalves (2007), o momento atual vem ampliando a noção de arte e caracterizando-se pelo desmantelamento dos modelos de representação, fundados até então. As novas condições de existência e modos de vida da sociedade contemporânea fizeram com que a arte se desmaterializasse, se recompondo sob novas formas, extrapolando e expandindo fronteiras. Nesta perspectiva, “a arte não mais diz respeito apenas ao cânone e ao estético, mas também ao urbano, ao banal, ao cultural, ao político e ao subjetivo” (GONÇALVES, 2007, p.5). Passa a constituir-se através da combinação e/ou articulação entre diferentes redes discursivas: culturais, científicas, institucionais, econômicas, políticas, midiáticas, etc., adquirindo uma polissemia de significados.

Ainda conforme o autor, tais redes produzem uma heterogeneidade onde ‘o múltiplo vaza e prolifera’, gerando assim, dissonâncias e fissuras. Desta forma, o conjunto de representações e quadros de referência que nos servíamos já não cabe mais, exigindo novos modos e exercícios do pensar, questionando categorias e conceitos que utilizamos para apreender a arte. É inconsistente tentar lançar um olhar exclusivo para a arte, pois os meios através da qual esta se expressa vem escapando aos tradicionais métodos de análises preocupados com questões relacionadas com a qualidade, a forma, o conteúdo e significado. Apesar das inúmeras tentativas de ‘cristalização’ e ‘purificação’ tanto da arte quanto da cultura elas acabam sempre extrapolando suas demarcações de limites e fronteiras. A arte está assentada num universo de produtos e espaços híbridos e multidimensionados, devendo ser estudada ativamente enquanto prática social.

Embora não estejamos analisando aqui o folclore propriamente dito, podemos realizar a mesma reflexão de Garcia Canclini (2008) quando argumenta que,

Uma mesma pessoa pode participar de diversos grupos folclóricos, é capaz de integrar-se a vários sistemas de práticas simbólicas [...]. Não há folclore exclusivo de uma classe oprimida, e nem o tipo possível de relações interfolclóricas são necessariamente as de dominação, submissão ou rebelião (GARCIA CANCLINI, 2008, p. 220).

Segundo este autor, os fenômenos culturais *Folk* ou tradicionais são hoje o produto multideterminado de vários agentes, constituindo-se por processos híbridos e complexos, apropriando-se de elementos culturais procedentes de várias classes e nações.

As narrativas dos entrevistados evidenciam a grande heterogeneidade artística e cultural que circulava no clube União impedindo que o vejamos sob um só regime e que possamos dar nomes a este jogo de cenário e etnias. Quiçá, esta heterogeneidade possa ter se constituído através da busca por uma identidade caracterizada pela *não pertença*. Aquilo que Bauman (2007) conceitua como uma cultura híbrida, formada pela:

Liberdade de desafiar e menosprezar as fronteiras que tolhem os movimentos e escolhas das pessoas menores, inferiores- “os locais”. Os híbridos culturais querem se sentir em toda parte como se estivessem chez soi- a fim de se vacinarem contra a maligna bactéria da domesticidade (BAUMAN, 2007, p. 43).

Considero a existência deste hibridismo no clube União devido à impossibilidade que temos de afirmar tanto os bailes gaúchos, o carnaval, festa de São João são manifestações artísticas que podem ser consideradas ‘puras’ dando direito exclusivo de propriedade de origem a uma determinada etnia, estado ou nação especificamente. Segundo Bauman (2007, p. 42), “a hibridação isola o híbrido de qualquer linha de parentesco monozigótico”; “Significa um movimento em direção a uma identidade eternamente “indeterminada”, de fato “indeterminável””. (ibidem, p. 45); “Vive de crédito e se alimenta de material emprestado” (ibidem, p. 46).

Se observarmos as fotografias a seguir que mostram um desfile da escola de samba “Unidos do Carapé”, pertencente ao clube, fica visível o ‘material emprestado’ da cultura indígena que como vimos teve uma influência muito forte na formação do município. Esta escola homenageia o cacique indígena que habitava a região, chamado Carapé. Em função desta história a escola foi batizada com esse nome. A fotografia abaixo mostra esta intersecção de culturas, quando exalta a imagem de um índio no seu carro alegórico num desfile da cidade.

Na figura 2, evidencia-se também a presença dos ruralistas quando um trator é transformado em um carro alegórico, deixando ver mais uma vez a diversidade étnica dos povoadores do município.

Segundo Canclini (2008, p.151) “analisar a arte já não é analisar apenas obras, mas as condições textuais e extratextuais, estéticas e sociais, em que a interação entre os membros do campo gera e renova sentido”. Arte e cultura não permanecem nunca em estado sólido, se diluem e se escapam entre os dedos.



Figura 5



Figura 6

Figuras 5 e 6 – Maria Ester Teixeira Barbosa- Rainha destaque da escola de samba Unidos do Carapé

Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Francisca Catarina Teixeira Barbosa

Nota-se nas manifestações artísticas que eram realizadas, as diferentes alianças interculturais existentes, produzindo situações ora de aceitação, ora de adequação, de negociação ou de entrelaçamento.

Segundo Hall (2011, p. 232), “o que vem ocorrendo freqüentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo”. Entende-se daí que não é possível ‘compartilhar’ dos mesmos códigos para entender uma determinada cultura devido às fusões, cruzamentos e trocas que vem ocorrendo entre elas, produzindo transformações bem como novas e inesperadas combinações. Segundo este autor,

É para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir nossa atenção criativa. Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experienciais dentro de, e entre comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro em diferentes lugares (HALL, 2011, p. 327-328).

A tendência que ainda temos e que persiste, é sempre procurar aquilo que homogeneiza os grupos, a fim de caracterizar o “nós” e os “outros”, reforçando assim as diferenças. Todavia, estas diferenças que buscamos não se constituem da mesma forma em todos os lugares devido à diversidade de contextos socioculturais, onde os discursos, as representações e as relações de poder atuam de diferentes formas. Estes fatores geram, portanto, casos individuais e coletivos específicos entre grupos de negros que vivenciam diferentes valores. Certamente não estamos preparados para ver e pensar o negro desvinculado e desalojado de tempos, lugares, histórias, eventos e símbolos específicos que até então lhe caracterizaram e distinguiram.

Embora neste estágio final eu já tenha reconhecido a impossibilidade de encontrar no clube algo que pudesse representar especificamente uma ‘essência’ da cultura negra, vejo aqui, que Joel vem tentando (da mesma forma que eu havia tentado), vincular a imagem do clube a uma simbologia que aparece como ‘vitrine’ da cultura negra.

Mostrou-se decepcionado devido a pouca adesão da comunidade às diversas tentativas de oferecer aulas de capoeira no clube.

Joel- *Eu convidava e ninguém queria fazer... Alguns diziam: - Ah, mas isso é coisa de negro e eu não sou negro...*

Devido à própria fragilidade cultural e identitária que constituiu o clube bem como a ausência de referenciais étnicos, Joel sente a necessidade de fixação destes elementos, neste caso a capoeira, a fim de dar sentido e fortalecer um discurso identitário. Muitas vezes essa tentativa de fortalecimento acaba ‘forçando’ diferentes indivíduos que não possuem as mesmas necessidades a se agruparem sob uma bandeira comum. Todavia, no contexto brasileiro, nem todos os negros e brancos vivem exclusivamente e separadamente uma cultura branca ou negra: “Aqui os sangues se misturam, os deuses se tocam e as cercas das identidades culturais vacilam” (MUNANGA, 2009, p. 17-18).

Na verdade Joel tenta investir numa imagem cultural e simbólica do negro no município de São Vicente do Sul que sempre se mostrou indeterminada e difusa.

Sua tentativa pode ser também o resultado daquilo que Canclini (2008) denomina como a problemática pós-moderna, que frente a uma tendência hegemônica, muitos grupos sociais ou profissionais da cultura tentam reabilitar seus modos de produção e difusão simbólica, fortalecendo as diferenças e marcando a distinção com relação aos outros.

No mesmo sentido aquilo que Bauman (2007) denomina como forma de vida da sociedade líquido-moderna, cuja ação, hábitos e rotinas mudam rapidamente antes que de tempo para consolidarem-se; os ativos se transformam em passivos, as capacidades em incapacidades. Ação e estratégia de reação se tornam obsoletas antes de serem de fato aprendidas; As identidades enfrentam forças erosivas e pressões que ocasionam seu desmoronamento; Seu habitante “come” e é “comido”; Seus indivíduos são estritamente semelhantes pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns. Segundo o mesmo autor, a sociedade ‘líquido-moderna’ resulta uma:

Cultura híbrida que busca sua identidade na liberdade em relação a identidades designadas e inertes, na licença para desafiar e menosprezar os tipos de marcadores, rótulos ou estigmas culturais que circunscrevem e limitam os movimentos e as escolhas do resto das pessoas, presas ao lugar: “o local” (BAUMAN, 2007, p. 46).

Quando perguntei ao grupo se além da cor eles achavam que havia mais alguma coisa em comum, algo que caracterizava o clube ou as pessoas que o frequentavam, alguns se entreolharam, outros baixaram a cabeça e novamente veio o silêncio... Então me dei conta que eu tinha forjado uma resposta que veio cheia de incertezas:

Eloá- *Acho que a escola de samba...*

Ema- *É, pois o samba é de origem africana... Acho que é isso...*

Reconhecemos o quanto é difícil na atualidade especificar o que é desta ou daquela cultura. A referência feita ao carnaval, certamente se deu por ser uma festa que é ‘vendida’ como um símbolo pelos diversos artefatos culturais que temos

acesso. Artefatos que disponibilizam informações, que medeia relações e produzem representações.

Fixar imagens e representações através de símbolos, imagens, insígnias, bandeiras, corresponde a uma tentativa de conservar a “essência” das culturas. Vimos, entretanto, que estas são o resultado das interações e ressignificações que realizam entre si. Podem até manter algum traço, mas jamais podem ser tratadas como originais e intactas.

Para Hall (2011) nenhuma forma cultural carrega em si a garantia de um significado único, fixo e inalterado, que possa ser arrastado de forma inalterável no fluxo da história; não só porque ele esteve ligado a uma causa específica, ele será sempre a expressão viva desta causa:

o significado de um símbolo cultural é atribuído em parte ao campo social ao qual está incorporado, pelas práticas as quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa [...] é o estado do jogo das relações culturais [...] o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela. (HALL, 2011, p. 241-242).

Reconhecemos que o Clube União se produziu em meio a uma pluralidade cultural e artística que podem estar atribuídas aos próprios processos migratórios que caracterizam a formação do município. Constitui-se desta forma, por um caráter fluido, instável e ‘impuro’ cruzando fronteiras e estabelecendo diversas alianças culturais e étnicas. Aquilo que Canclini (2008) caracteriza por hibridação: Estruturas ou práticas que existem de forma separada e que, nos próprios processos socioculturais se combinam, gerando novas estruturas, objetos e práticas.

Um exemplo de uma prática reinventada no clube União foi encontrado na ata do dia **8 de junho de 1958**, para tratar assuntos sobre uma festa caipira que seria realizada dia 28 de junho do mesmo ano.

Foi convidada para explicar os vestuários para as moças a Sr.^a Maria Cleci Atarão. Ela explica que elas deverão dar um lençinho da cor do seu vestido para ser envelopado e vendido para as moças na noite do baile, onde cada uma abrirá seu envelope e ao ver a cor do lenço tem que dançar com aquela que tiver o vestido igual. (grifo nosso)

Sabemos que os bailes caipiras são o resultado da combinação de elementos culturais de diversos países. No Brasil embora seja comemorado em todas as regiões é na região nordeste que ele adquire maior expressão. Neste exemplo, são

visíveis as relações culturais de entrelaçamento e trocas que acontecem entre diferentes grupos étnico-culturais.

Aqui, tanto a arte como a cultura não possuem recursos específicos que lhe possibilitem uma compreensão universal. Ambas possuem particularidades específicas que revelam a multiplicidade de indivíduos e grupos sociais que se produzem em meio à fragmentação, inviabilizando desta forma qualquer tentativa de homogeneização e generalização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permita-se se desequilibrar no diálogo entre um livro e outro, não queira se acorrentar ao chão por verdades que até nosso íntimo dúvida, um dia a terra já foi o centro do universo, hoje o sol é quem reina (e quem sabe no amanhã?).

(Autor desconhecido)

Os resultados produzidos nesta pesquisa foram construídos a partir de dúvidas, frustrações, tropeços e inseguranças, pelos atravessamentos, pelo constante ir-e-vir nas leituras, pelas reflexões, trocas e juntamente, pelas orientações recebidas e as sugestões da banca no momento da qualificação do projeto. Identifiquei-me neste momento final com o 'sujeito da experiência' no qual descreve Larrosa (2002):

O sujeito da experiência é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; [...] é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido (LARROSA, 2002, p. 25).

Ao me aventurar por um campo que eu não dominava, mas que muito desejava conhecer foi necessário antes de tudo me EXPOR: expor-me ao erro e reconhecê-lo, expor minhas inseguranças e ter que enfrentá-las, expor meus próprios preconceitos e ter que admiti-los, expor meu 'amadorismo' e ter que corrigi-lo.

Ao reviver nesta etapa final a trajetória percorrida até então, reconheço o quanto amadureci enquanto discente-docente e pesquisadora. Um amadurecimento e uma experiência adquiridos que irão refletir diretamente nas áreas em que atuo. Pesquisar uma temática tão complexa quanto o é a cultura negra, me foi extremamente enriquecedor, pois aprendi entre outras coisas a importância do gesto de interrupção na pesquisa: *suspender a opinião, o juízo, a vontade, o automatismo da ação, cultivar a atenção, abrir os olhos e os ouvidos, calar, ter paciência e dar-se tempo e espaço...* (LARROSA, 2002).

O conjunto de todas estas experiências fez com que eu reconhecesse o quanto fui pretensiosa em tentar generalizar e rotular o negro e sua cultura num conjunto específico de características e comportamentos, tentando determinar quem

é quem e quem é o que. Tentando retirar-lhes o direito de exercer escolhas, seja ela de afiliação política, religiosa, sentimental, cultural ou outra. Acreditava na existência de uma “essência” desta cultura, ou seja, buscava apenas **um** modo de representá-la.

A partir das leituras propiciadas pelos E.C., compreendi que desconsiderar tipos particulares de sujeitos e identidades é fruto das representações que eu havia subjetivado sobre a cultura e identidade negra com características homogêneas e unificadas. A partir daí, reconheci a impossibilidade de encontrar uma unidade cultural do negro que possa ser reduzida a um denominador comum, pois cada realidade social, econômica, política e racial produz diferentes modos de ‘ser negro’, dependendo de quem fala e do lugar de onde se fala.

Compreendi que não existe um lugar privilegiado ou um caminho óbvio que nos permita estudar e entender uma cultura, que sirva de parâmetro para construir e sedimentar saberes e conhecimentos sobre ela. Existem sim, diversos deslocamentos nas direções investigativas, no qual tornam impossíveis de ‘capturar’ esses conhecimentos única e exclusivamente, pelas cartografias consagradas que tem determinado a produção do pensamento humano.

As experiências proporcionadas por esta pesquisa apontaram a necessidade da “desfamiliarização” com as convenções e com nós mesmos no momento em que pensamos sobre o “outro”, pois é preciso reconhecer o quanto somos condicionados por discursos e práticas sociais que disputam pela imposição de significados. E esta disputa que é inevitavelmente conflitante e contingente, produz discursos e significados que podem variar no tempo, não atingindo a mesma amplitude, não produzindo os mesmos efeitos e não tendo o mesmo alcance.

Vimos também que os diferentes dispositivos sejam eles culturais/ pedagógicos/ sociais/ históricos, bem como os discursos circulantes na mídia, nos textos, nas escolas, pelo movimento negro, exercem e disputam o poder de definir e determinar lugares, comportamentos e conceitos. Por este motivo não podemos tentar instituir formas e condições de viver ao outro, pois cada um recebe os códigos de representação de acordo com quem se filia, e a cada um confere o direito de auto representar-se.

Tentar decodificar a ‘marca’ de uma cultura e uma identidade para ser “pedagogizada” e escolarizada é uma atitude um tanto arriscada, pois aquilo que

cada um codifica, os princípios que nos direcionam podem ser diferentes para os outros, inclusive para aqueles a quem pretendemos compreender.

Ao nos referirmos a uma determinada cultura é necessário também, um constante questionamento sobre as narrativas únicas, pré-estabelecidas como verdades. Chimamanda Adichie²⁰ (2009), literata nigeriana, faz um alerta para a interpretação e reprodução de histórias e fatos que representam um povo ou uma nação e que são contadas e repetidas incansavelmente sob um único ponto de vista:

Mostre um povo com uma coisa, com somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. (...) É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. (...) Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas fazê-la história definitiva daquela pessoa. (...) Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder.

Busquei nesta pesquisa compartilhar discussões e reflexões acerca das produções culturais e identitária de um clube social negro, bem como as subjetivações produzidas nos sujeitos. Enquanto dispositivo pedagógico foi visto que o clube proporcionou aos negros adquirir maior visibilidade perante a comunidade, mas uma visibilidade que, devido ao único fator homogeneizante entre eles, ou seja, a cor, o grupo passou a ser visto com certo “essencialismo” que na realidade não havia.

Este dispositivo configurou-se por jogos de assimilação, trocas e alianças, caracterizando-se como um campo dinâmico de negociações através de negações e concessões, ampliação, mas também de redução de limites, regulando comportamentos e produzindo subjetividades. Ao mesmo tempo, foi resultado das relações sociais de dominação e diferenças existentes na sociedade, mas que se caracterizou como um lugar de aceitação para os negros, permitindo-lhes o exercício das relações de poder/saber.

Nas narrativas tecidas observamos o que cada um conservou das relações culturais vivenciadas neste espaço: O controle comportamental e moral a qual foram submetidos, As diferentes identificações que os produziram; A apropriação, a integração e a resignificação de diversos elementos e manifestações culturais de várias procedências.

²⁰ **O perigo da história única.** 2009. Disponível In: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html, acesso em 22 /10/ 2011.

As reflexões provocadas por esta pesquisa atentam que a cultura negra não pode ser simplificada através de oposições binárias: branco versus negro; resistência versus associação; oposição versus homogeneização; autêntica versus inautêntica. Não pode ser compreendida e apreendida na sua forma 'pura', mas sim pelas estratégias de negociação e adaptação a espaços mistos e híbridos.

Devido ao meu interesse e constante envolvimento com a temática negra hoje sou considerada por muitos 'negros e brancos', uma 'branca de alma negra'. Mas devo reconhecer também que já fui 'branca de alma branca'. Vejo aqui mais uma vez o caráter estratégico e posicional das identidades! E muito me preocupa esta 'nova identidade' que me foi atribuída por exigir de mim um cuidado muito grande para falar daquilo que não sou e de um lugar que não ocupo. Reconheço o quanto é delicado falar de algo que não vivenciamos diretamente e que não 'sentimos na pele' (expressão que muito ouvi de pessoas negras).

Embora não tenha sido minha pretensão posicionar-me definitivamente, levantando uma ou outra bandeira, muitas vezes me via num 'beco sem saída'... Pois é isso que esperavam de mim...Mas o próprio campo dos E.C. não me permite tal gesto, uma vez que me apresenta as identidades como estando circunscritas a um momento determinado, adquirindo assim um movimento oscilatório no qual torna sua busca algo permanente.

Também não foi meu objetivo expor somente as opressões a que foram (e ainda são) submetidos os negros, mas evidenciar também, sua reação àquilo que é normatizado. Entre estas reações, apareceram de uma forma inesperada para mim, a indiferença e a ironia com que o grupo tratava as discriminações nas quais eu sofria muito mais com elas, do que eles próprios. A forma como satirizavam aquilo que tanto me incomodava foi de todo surpreendente.

Como já dissemos nas primeiras páginas, apesar de reconhecermos a legitimidade das lutas do povo negro, não queremos apenas representar a 'voz dos silenciados', mas sim possibilitar-lhes um cenário de reconhecimento, exaltando também suas capacidades reativas que muitas vezes são encobertas por diversos aparatos que nos fazem olhá-los do mesmo lugar e da mesma forma.

Para finalizar gostaria de ressaltar que as análises aqui realizadas não devem ser emolduradas como sendo 'a verdade' sobre o exercício pedagógico realizado pelo clube. Pois, antes de tudo é preciso considerar que as mesmas foram construídas a partir de memórias individuais e subjetividades. E estas memórias

como já visto, são extraídas de uma variedade de grupos e sofrem mediação de uma variedade de agentes. E cada um reage, vê e sente de maneira peculiar a cada um destes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. 2009. Disponível In: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html, acesso em 22 /10/ 2011.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANDRÉ, Maria. C: **O ser negro**: A construção de subjetividades em afro-brasileiros. Brasília: Editora LGE, 2008.

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo**. (1888-1988) Trad. de Magda Lopes. Bauru: EDUSC, 1988.

BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Trad. Luis Sérgio Henriques – 3ª ed.- Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

CONY, Maria. **Folhas esparsas ao sopro do vento no verde esmeralda do pampa sulino**. Santa Maria, RS: Ed. Pallotti, 1992.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de educação**. nº 23. Maio/Jul/Ago 2003.

CRAPRANZANO, Vincent. Estilos de interpretação e a retórica das categorias sociais. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.441-458

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Trad. De Viviane Ribeiro. Bauru, EDUSC, 1999.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-152 março/ 2002.

ESCOBAR, Geane. **Clubes sociais negros: Lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial.** Dissertação de mestrado, 2010, UFSM.

FANON, Frantz. **Peles negras máscaras brancas.** Trad. Maria Adriana Silva Caldas. Salvador: Fator, 1983.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Focault e a análise do discurso em educação.** Cadernos de Pesquisa, n. 114, novembro, 2001. p 197-233

FOCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 25.ed. São Paulo. Edições Graal, 2012.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão.** Trad. Ligia M. Ponde Vassalo. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos.** 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GADELHA, COSTA, Sylvio. Educação, políticas de subjetivação e sociedades do controle. In: MARCONDES, Adriana; FERNANDES, Ângela; ROCHA, Marisa (orgs.) **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 15-36.

GALLO, Sílvio. **Repensar a educação: FOUCAULT.** Revista educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de EDUCAÇÃO, v. 29, n. 1- jan/jun. 2004.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Resistência nômade: arte, colaboração e novas formas de ativismo na Rede.** (Compôs) Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Agosto de 2007. p. 1-20

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

_____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, jul/dez, p. 17-46, 1997.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Lívia Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 103-133

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a “ter” raça e/ou cor. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (orgs). **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010.

LANCASTER, Roger. **“Skin color, race, and racismo in Nicarágua”**. Etnology 30(4), 1991. p. 339-353.

LARROSA, Jorge Bondía. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Jan/fev/mar/abr 2002 nº 19

LOPES, Ana Lúcia. **Currículo, Escola e Relações Étnico-Raciais**. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Africanidades, 2006.

MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia B. **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 13-25.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 3ª Ed., 2000.

_____. Manual de História Oral. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **A importância da história da África e do negro na história brasileira.** [Palestra de abertura do curso: Diversidade e Educação: o desafio para construção de uma escola democrática]. Mauá, São Paulo, 2004.

_____. **Negritude: usos e sentidos.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje:** Histórias, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global, Ação educativa. Assessoria, pesquisa e educação, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, nº 14, fev.1997. p. 25-39

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana.** (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos orais:** do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v. 5, 1988. p. 68-80.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SHERIFF, Robin E. **Como os senhores chamavam os escravos:** discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca. In: REZENDE, Claudia Barcellos; MAGGIE, Yvonne. Raça como retórica: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 213-243.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SILVA, H.; SOUZA, L. A.: **A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática.** Bolema, Rio Claro (SP), Ano 20, nº. 28, 2007, p. 139 a 162.

SOUZA, Florentina Da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU.** Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2001.

STEINBERG, Shirley Kinder. Cultura: a construção da infância pelas grandes corporações,. In: SILVA, Luiz Heron da., AZEVEDO, José Clóvis de, SANTOS, Edmilso dos. (Org.), **Identidade social e a construção do conhecimento.** Porto Alegre: SMED, 1997. p. 98-145

TOMAR, M. S.: **A Entrevista semi-estruturada.** Mestrado em Supervisão Pedagógica. (da Universidade Aberta. Edição 2007/2009

VEIGA-NETO, Alfredo. **Cultura, culturas e educação.** Revista Brasileira de Educação. Porto Alegre, n.23, Maio/Jul/Ago 2003. p.05-13

_____. **Foucault & a educação.** Belo Horizonte, MG: Ed. Autêntica, 2007.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – Primeira entrevista elaborada para resgate da história e cultura afro-brasileira

1. Nome:
2. Idade:
3. Naturalidade:
4. Há quanto tempo mora na região?
5. Qual a sua cor?
6. Como você descreve o fato de ser negro? É positivo?negativo? Por quê?
7. Você acredita que o fato de ser negro é um fator positivo? Por quê?
8. Já presenciou ou foi vítima de algum tipo de preconceito? Comente.
9. Estudou até que série e em que tipo de escola?
10. Como você era tratado na escola?
11. O que você aprendeu na escola sobre a história dos negros? Como os negros eram retratados? Você concorda?
12. Que qualidades positivas você atribui a sua pessoa e quais as negativas.
13. Sua cor dificultou em algum aspecto seu desenvolvimento social, pessoal, profissional, individual.
14. Você conhece a história de seus antepassados? Onde/ com quem aprendeu?
15. Você sabe qual foi a contribuição histórica dos negros para o desenvolvimento econômico do país?
16. Você conhece as políticas que estão sendo criadas para diminuir as diferenças de acesso a educação, ao emprego entre negros e brancos?
17. Tem conhecimento de alguma história narrada por seus pais, avós, ou outros a respeito de:
 - a) usos e costumes na cultura africana;
 - b) termos e ditados utilizados;
 - c) festas e comemorações das comunidades negras;
 - d) religiosidade;
 - e) Política;
 - f) manifestações artísticas: arte, artesanato, dança, músicas, cantigas, etc.

ANEXO B – Roteiro da entrevista narrativa

1- Nome, idade, profissão e tipo de ligação com o clube (sócio, freqüentador, membro da diretoria, etc)

2- Conte o que você sabe sobre a história do clube: porque e como foi criado, quem eram e como eram as pessoas que freqüentavam o clube, se havia algum tipo de exigência ou restrição para freqüentá-lo; Fatos marcantes que ficaram registrados em sua memória relacionados ao clube União.

3- Em sua opinião, o que este clube representava/significava para seus freqüentadores? E atualmente ainda permanece esta opinião ou acha que mudou alguma coisa?

4- Você acha que havia algo em especial que aproximava ou afastava as pessoas da comunidade em participar dos eventos sociais no clube? Por quê? Você acha que os freqüentadores do clube possuíam algo em comum? O que? E diferenças, existiam?

5- Como você percebe que este clube era visto pela comunidade negra e branca? (o papel do clube para estes) E atualmente como ele é visto?

5- Que tipo de eventos e/ou atividades eram realizadas? Havia algum tipo de preferência por determinados eventos culturais, estilos musicais ou festas típicas?

6- Como e por quem eram organizados e pensados? Havia algum tipo de preocupação na ornamentação das festas? Se sim, quem fazia?

7- Quanto à vestimenta, havia alguma norma ou restrição?

8- Você acha que ele teve ou tem alguma relação com a cultura e identidade negra no município? Porquê?

ANEXO C – Fotografias das entrevistas



Primeira entrevista grupal com (da esquerda p/ direita): Guiomar, Maria Teresa Marques de Oliveira (mãe de Joel); Maria Eugenia de Oliveira Gaspar ('D. Neda'); Gelci Camilo Vieira; Entrevistadora; Francisca Catarina Teixeira Barbosa; Joel Marques.



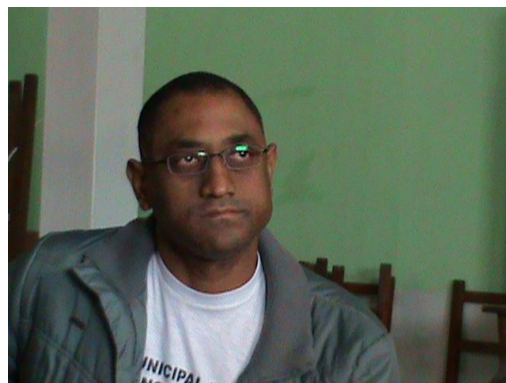
D. Adília (in memoriam-1908-2010)



Maria Amália (sobrinha de Adília), Adília e eu
Entrevista no dia 20/10/2010



Cecília Oliveira (irmã de Joel)



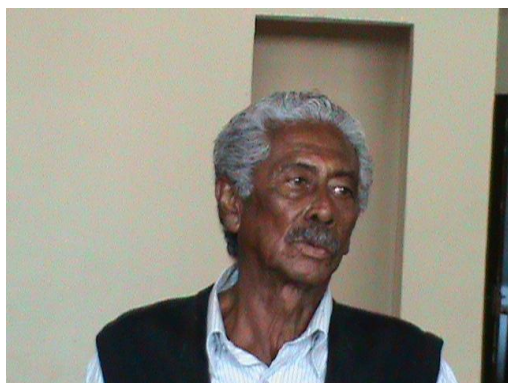
Joel Marques



Guiomar dos Santos Fontoura



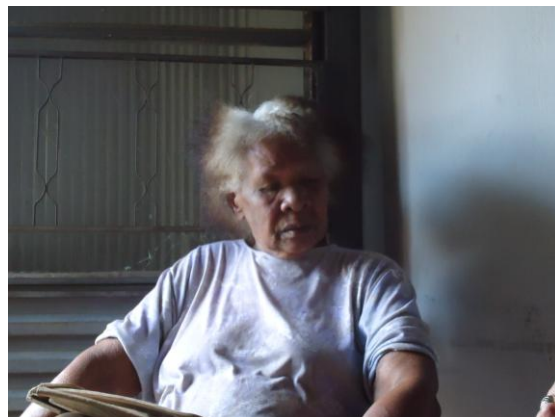
Eloá Teixeira Barbosa



João Antônio Fontoura



Garibaldi Valente de Souza



Entrevista com D. Clotilde- 85 anos- 8/8/2012



Entrevista grupal com utilização de fotografias- 31/05/2012

ANEXO D – Fotografias das atividades realizadas no clube União resgatadas entre a comunidade



Figura 7 – Fotografia do 1º presidente Astrogildo dos Santos e a rainha
Fonte: Acervo pessoal da Srª Suzete Araújo



Figura 8 – Fotografia de atividade festiva realizada no Clube União Beneficente (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.ª Nara Lopes da Rosa



Figura 9



Figura 10

Figuras 9 e 10 – Fotografias retiradas do álbum de família de D. Adília
Na figura 9 ela é a primeira da esquerda, em pé. Na figura 10 é a menina pequena na frente
Fonte: Acervo pessoal Sr.^a Adília Gomes da Costa



Figura 11 – Fotografia de baile de Reveillon- data imprecisa
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Cecília Oliveira Munareto



Figura 12 – Fotografia de baile de Carnaval- (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Nara da Rosa



Figura 13 – Fotografia de atividade festiva realizada no Clube União Beneficente (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Nara da Rosa



Figura 14 – Fotografia de atividade festiva realizada no Clube União Beneficente (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Nara da Rosa



Figura 15 – Fotografia da rainha do carnaval 1969
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Suzete Araújo



Figura 16 – Saída para festividades de outro clube da região
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Guiomar dos Santos Fontoura (Primeira à esquerda)



Figura 17



Figura 18

Figuras 17 e 18 – Fotografias de atividades festivas no Clube União Beneficente (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Nara Lopes da Rosa



Figura 19 – Fotografia do Bloco e carnaval do Clube União Beneficente (data imprecisa)
Fonte: Acervo pessoal da Sr.^a Suzete Araújo



Figura 20



Figura 21

Figuras 20 e 21 – Fotografias de Maria Cristina Marques de Oliveira- Fotografias da porta bandeira da escola de samba Unidos do Carapé
Fonte: Acervo pessoal de Sr.^a Maria Cristina Marques de Oliveira



Figuras 22 – Fotografia da ala das baianas da escola de samba Unidos do Carapé
Fonte: Acervo pessoal de Sr.^a Eloá Teixeira Barbosa

Anexo E – Ata de fundação do Clube União Beneficente no dia 20/01/1953.

1

Ata de Fundações do Clube União

Aos (20) vinte dias do mes de janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e tres (1953), ás 22 horas, foi realizada uma reunião, no local Tratto Carlos Gomes, desta cidade, para a eleição da primeira diretoria que dirigirá os destinos do Clube União, entidade social que tambem nesta data foi fundada. Compareceram a esta reunião, elementos os mais destacados da sociedade local que abalhoaram ainda mais a fundação de mais uma sociedade recreativa, em nome cidade. Iniciados os trabalhos pelo sr. Astrogildo dos Santos, este em rápida palavras deu os motivos da presente sessão e a seguir convidou o sr. José Loy de Menezes, para presidir os trabalhos e o sr. Manoel Antonio Maranhuel, para secretaria-los e ainda para fazer parte da mesa os srs. Valente Natal Muruzzi e Olinda Foga. O sr. José Loy de Menezes agradeceu o convite feito, tendo logo após, ordenado o inicio da eleição da diretoria, que foi feita pela maioria e, que, escolheu chapa apresentada da forma abaixo constituída. Presidente: Astrogildo dos Santos, vice: Aigen Tevesa; 1º secretário: Procelio Valente da Silva; 2º secretário: Gomes Mendes dos Santos; 1º Tesoureiro: Francisco Vitalino; 2º idem: Celso Gomes da Costa, Cicelyto Finsol, Manoel Ribeiro, Vergilio de Souza Carvalho e Belmar Guedes dos Santos. A seguir o sr. presidente presidiu dos trabalhos a eleição para eleição, tendo neste tempo do processo a seguinte solicitação: permitiram ao presidente em primeiro o sr. José Loy de Menezes e depois a por Lema ao sr. Manoel Antonio Maranhuel que em rápida das palavras agradeceu os compromissos de nome.

em cores da entidade era fundada para o seu
maior progresso e desenvolvimento. E como sendo
uma benção a todos o sr. presidente encorajou
os trabalhos de que fero a conta mandou que
fosse lavada a pe. mas não que vai feito. E
afirmou a verdade com uns poucos de pe.
e fôr a sua instituição.

Antônio dos Santos

Argem Vieira

Aracildo Valente da Rosa.

Guernardino dos Santos

Francisco Martins

Olivia Gomes da Costa

Palmar dos Santos.

Dorival Rivaod

Vergilim de Lomba Rosa

Seli Camillo Vieira

Paulo Valente da Rosa.

Camilla Guedes dos Santos

Dinora das Santos

Adice Clementina das Santos.

Esther Alves

Maria Amalia dos Santos

Cláudia Santos da Costa

Maria Martins

Silda Martins

Helena Maria dos Santos

Luciana da Costa

Maria Eugênia Silva da Silva

Therêza da Silva Rodrigues

Santa Rosa da Silva Rodrigues

Maria de Lourdes da Silva Rosa

Maria Ilza Valente Rosa

Trausa Silva Rivaod

Cláudia da Silva

Anexo F – Certidão de registro em cartório do estatuto do clube União General Vargas

OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS
PESSOAS NATURAIS E JURÍDICAS
DE SÃO VICENTE DO SUL – RS



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Comarca de São Vicente do Sul

Manoel Antonio de Oliveira Palmeiro
Oficial

Cartório dos Registros Públicos
Manoel Antônio de Oliveira Palmeiro
Oficial

REGISTRO DE IMÓVEIS – REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS E JURÍDICAS
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS – PROTESTO DE TÍTULOS

C E R T I D ã O

Fls. 001

Certifico em razão de meu cargo e atendendo solicitação verbal da parte interessada, que revendo o livro n.º A-1 deste Ofício do Registro Civil das Pessoas Jurídicas de São Vicente do Sul, nele, à folha 14v, sob n.º 20, verifiquei constar o registro do Estatuto do Clube União de General Vargas, Capítulo I. da organização. Art. 1º O Clube União de General Vargas, fundado em 20 de Janeiro de 1953, e instalado na mesma data, tem sua sede na cidade de General Vargas, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Art. 3º. O Clube União de General Vargas é composto, de um número ilimitado de pessoas de ambos os sexos, sem distinção de credos, religiosos, e de origem de nacionalidade Art. 4º. Seu emblema é representado por duas mãos entrelaçadas simbolizando a confraternização, social. Art. 7º. O Clube é representado em juízo de seu Presidente, extrajudicial em atos obrigatórios, pelo Presidente ou por pessoa por ele designada de apresentação assinalado pelo secretário. Capítulo II. Suas finalidades de Art. 9º. O Clube se obriga: a) a proporcionar agradável convívio na sede social organizando recepções e outras diversões para distração dos sócios e de suas famílias. Capítulo III. Dos seus deveres. Art. 10º São seus deveres: b) consentir o serviço de capa para isso exclusivos dos sócios. f) Constituir-se em pessoa jurídica de direito privado, para todos os efeitos legais. Art. 13º. A dissolução da sociedade não terá lugar enquanto seis sócios se manifestem contrários e requerem a sua continuação. 1º No caso de dissolução em partes iguais entre os sócios efetivos existentes, na forma, destes estatuto. 5º. Atendido o passivo da sociedade, a sobra será distribuída de acordo como o parágrafo 1º deste artigo. Capítulo VII. Da diretoria. Art. 28º. Diretoria se compõe: de um presidente; de um vice-presidente, de um secretário, de um 1º Tesoureiro; de um segundo tesoureiro, de um diretor de mês nomeado mensalmente pela diretoria e de um conselho consultivo composto, de três membros. Capítulo X Disposições Gerais. Art. 42º Os casos não previstos neste estatuto serem julgados pelas leis em vigor e na falta destas, pela diretoria. General Vargas 11 de Janeiro de 1954. Astrogildo dos Santos. Presidente. Selado com três cruzeiros e vinte centavos em estampilha devidamente inutilizadas. Reconheço a assinatura retro de Astrogildo dos Santos, dou fé. Em testemunho (esta o sinal público) da verdade Gal. Vargas 11 de janeiro de 1954. O Tabelião Fabricio Vidal. Selado com CR\$ 3,20 em estampilha do Estado, CR\$ 0,40, de Eletrificação e CR\$0,10, de aposentadoria dos serventuários de justiça, todos devidamente , inutilizados com o seguinte sinete: Fabricio Vidal Tabelião. Maria P. da Rosa, Substituta. General Vargas Rio Grande do Sul, Nada Mais se com tem em dito estatuto aqui bem e fielmente transcrito do que dou fé. **AVERBAÇÕES:** Conforme despacho da Exma. Sr. Dr. Juiz de Direito, datado em 07/07/1967, em petição do Clube União de General Vargas, da mesma data, foram feitas as alterações do mesmo Clube, publicadas as fls. 34 do Diário Oficial de 12/05/1967, que são as seguintes: Extrato da Reforma do Estatuto do.....

Continua na Fls. 002

OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS
PESSOAS NATURAIS E JURÍDICAS
DE SÃO VICENTE DO SUL – RS

Anilson de Oliveira
Substituto

ANEXO G – Atestado de inclusão e mapeamento do clube União Beneficente entre os Clubes Sociais Negros do Brasil



CNPJ nº 07687491/0001-30
Rua Silva Jardim, 1407 – Cep 97010-490 Fone: (55) 3226-6082
museutrezedemaio@yahoo.com.br

ATESTADO

Atesto para os devidos fins que o **Clube União Beneficente General Vargas**, da cidade de São Vicente do Sul – RS está cadastrado junto ao Museu Treze de Maio, entidade responsável pelo mapeamento dos Clubes Sociais Negros do Brasil.

Santa Maria, 17 de março de 2009.

Giane Vargas Escobar
Diretora Técnica do Museu Treze de Maio
Representante Nacional de Clubes Sociais Negros/RS junto à SEPPIR

ANEXO H – Modelo de Autorização de Cessão de Imagem

Autorização de Cessão de Imagem

Pelo presente instrumento, autorizo o Instituto Federal Farroupilha, campus São Vicente do Sul, sediado na rua Vinte de setembro s/n CEP 97420-000, divulgar, utilizar e dispor, na íntegra ou em partes, para todos os fins cabíveis, inclusive para fins institucionais, educativos, informativos, técnicos e culturais, o meu nome, minha imagem (fotografia e vídeo) e som de voz, sem que isto implique em ônus para esta Instituição.

Assinatura

Caso seja menor de idade:

Assinatura do responsável legal

CPF ou RG: _____